ANDRÉ SIMÕES CHACON BRUNO

O Direito que vem:
considerações intempestivas sobre a justiça em Giorgio Agamben

Tese de Doutorado

Filosofia e Teoria Geral do Direito

Orientador: Professor Associado Eduardo C. B. Bittar

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE DIREITO

São Paulo - SP

2021

ANDRÉ SIMÕES CHACON BRUNO

O Direito que vem:
considerações intempestivas sobre a justiça em Giorgio Agamben

Versão Corrigida.

Tese de Doutorado apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Direito da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, na área de concentração de Filosofia e Teoria Geral do Direito, sob a orientação do Professor Associado Eduardo C. B. Bittar.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE DIREITO

São Paulo - SP

2021

Catalogação da Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo

Simões Chacon Bruno, André
O Direito que vem: considerações intempestivas sobre a justiça em Giorgio Agamben ; André Simões Chacon Bruno ; orientador Eduardo Carlos Bianca Bittar -- São Paulo, 2021.
582
Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Filosofia do Direito e Teoria Geral do Direito) - Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, 2021.

1. Giorgio Agamben. 2. Direito que vem. 3. Justiça. 4. Homo Sacer. 5. Estado de exceção. . I. Carlos Bianca Bittar, Eduardo , orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Acima de tudo, ao meu pai.

Ao meu orientador, o Prof. Eduardo Bittar, de quem muito aprendi ao longo dos nossos quase 6 anos juntos e sem o qual eu não teria chegado onde cheguei.

À minha família materna, na pessoa de seu patriarca, Olce Simões Correia, por tudo que fez e continua fazendo por toda a família.

À minha companheira e amiga, Franciele Pasquini Dall Aqua, por permanecer ao meu lado ao longo deste ano, apesar de todas as dificuldades.

À Benjamin, que me ensina, desde que o conheci, todos os dias um pouco mais sobre a vida e o amor, bem como também sobre mim mesmo.

À Marcos Gomes Nalli, que me recebeu de braços abertos no Grupo de Pesquisa "(Des)Leitura: Filosofia, Ciência e Arte", da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

À Gustavo Alejandro Mentaberry, pela amizade e acolhida na cidade de São Paulo.

Aos meus amigos, pelo companheirismo e pela eterna disposição ao diálogo.

Aos membros da minha banca de defesa, os(as) Professores(as) Oswaldo Giacoia Junior, Flávia Schilling, Maria Victoria Benevides, Jonnefer Barbosa e Daniel Arruda Nascimento, por aceitarem o convite, pelas suas imensas generosidades e por muito terem contribuído na construção deste trabalho.

E, por fim, à toda a “anônima” comunidade de pesquisadores, professores e tradutores de Agamben, sem os quais esta pesquisa também não poderia ter se concluído.

A Marluce Aparecida Correa Bruno e José Francisco Bruno (*in memoriam*), por tudo.

“En quoi consiste alors l'optimisme que je partage avec Adorno, mon ami disparu? Il consiste en ce que l'on doit, malgré tout cela, essayer de faire et de réaliser ce que l'on tient pour vrai et bien. Voilà pourquoi notre principe était: être pessimiste théorique et optimiste pratique!”.

Max Horkheimer.

“Creio que seria extremamente importante chegar a pensar de um modo novo a relação entre a potência e o ato, o possível e o real. Não é o possível que exige ser realizado, mas é a realidade que exige tornar-se possível. Pensamento, práxis e imaginação (três coisas que jamais deveriam ser separadas) convergem nesse desafio comum: tornar possível a vida”.

Giorgio Agamben.

“Que ‘as coisas continuam assim’ – eis a catástrofe”.

Walter Benjamin.

RESUMO

André Simões Chacon Bruno. O Direito que vem: considerações intempestivas sobre a justiça em Giorgio Agamben. 2021. 578. Doutorado – Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

A presente pesquisa tem como principal escopo realizar uma investigação sobre as principais contribuições fornecidas por Giorgio Agamben para os temas da ética, da política e do direito, pensando-as, no entanto, a partir do pressuposto da "justiça". Nesse sentido, ela busca realizar uma exegese filosófica do pensamento do autor, considerada em toda a sua multifariedade e completude, mas matendo o foco, no entanto, sobretudo nas obras pertencentes ao conjunto do projeto *Homo sacer*, uma vez que nosso objeto consiste principalmente no direito. Nesse sentido, na primeira parte do trabalho reconstruímos as principais teses e temas tratados pelo autor na construção de seu arcabouço filosófico, movimento que denominamos de "As origens do programa da filosofia que vem", a qual consiste numa crítica radical da ontologia ocidental. Em seguida, no próximo capítulo, chamado "Uma arqueologia do poder", entra-se na esfera do projeto *Homo sacer* propriamente dito, caso em que são investigadas as relações entre biopolítica, soberania e a proposta agambeniana do sujeito ético enquanto "testemunho". No terceiro e último, "O direito que vem", procurou-se investigar, por sua vez, os temas do estado de exceção, do governo e da justiça, mas, neste caso, o capítulo foi dividido em dois itens: no primeiro, foi analisada a mudança conceitual operada na ontologia do ocidente por meio do paradigma da efetualidade e as consequências que daí se impõem, enquanto que, na segunda, nos concentramos nas relações entre o direito e a justiça, concluindo, então, como, caso queiramos nos aproximar da justiça, a tarefa a ser cumprida será a de renunciar ao direito, pois ela não consiste numa substância ou propriedade, mas, segundo Agamben, na esteira de Walter Benjamin, num estado *inapropriável* do mundo.

Palavras-chave: Giorgio Agamben. Justiça. Homo sacer. Estado de exceção. O direito que vem.

ABSTRACT

André Simões Chacon Bruno. The coming law: untimely considerations on justice in Giorgio Agamben. 2021. 578. Doctorate – Faculty of Law, University of São Paulo, São Paulo, 2021.

The main scope of this research is to conduct an investigation into the main contributions provided by Giorgio Agamben to the themes of ethics, politics and law, considering them, however, through the catrgory of "justice". In this sense, it seeks to carry out a philosophical exegesis of the author's thought, considered in all its multifariousness and completeness, but keeping focus, however, above all on the works belonging to the whole of the *Homo sacer* project, since our object consists, above all, on the theme of the law. In this sense, in the first part of the work, we reconstruct the main theses and themes dealt with by the author in the construction of his philosophical framework, a movement we call "The origins of the program of the coming philosophy", which consists of a radical critique of Western ontology. Then, in the next chapter, called "An archeology of power", we enter the sphere of the *Homo sacer* project itself, case in which the relations between biopolitics, sovereignty and the Agambenian proposal of the ethical subject as "testimony" are investigated. In the third and last chapter, "The coming law", an attempt was made to investigate, in turn, the themes of the state of exception, government and justice, but, in this case, the chapter was divided into two items: in the first, the conceptual change operated in Western ontology was analyzed through the paradigm of actuality and the consequences that are imposed from it, while, in the second, we focus mainly on the relations between law and justice, concluding, then, how, if we want to, in any case, approach justice, the task to be fulfilled will then be to renounce the law, as it does not consist of any substance or property, but, according to Agamben, in the wake of Walter Benjamin's definition, as an state of the world in which it cannot be appropriated.

Keywords: Giorgio Agamben. Justice. Homo sacer. State of exception. The coming law.

RIASSUNTO

André Simões Chacon Bruno. Il diritto che viene: considerazioni intempestive sulla giustizia in Giorgio Agamben. 2021. 578. Dottorato – Facoltà di Giurisprudenza, Università di São Paulo, São Paulo, 2021.

Lo scopo principale di questa ricerca è quello di indagare i principali contributi forniti da Giorgio Agamben ai temi dell'etica, della politica e del diritto, considerandoli, però, basati sul presupposto della "giustizia". In questo senso, si cerca di realizzare un'esegesi filosofica del pensiero dell'autore, considerato in tutta la sua molteplicità e completezza, ma mantenendo il focus, però, soprattutto sulle opere appartenenti all'intero progetto *Homo sacer*, poiché il nostro oggetto consiste principalmente nel diritto. In questo senso, nella prima parte del lavoro, ricostruiamo le principali tesi e temi affrontati dall'autore nella costruzione del suo quadro filosofico, un movimento che chiamiamo "Le origini del programma della filosofia che viene", che consiste in una critica radicale dell'ontologia occidentale. Poi, nel capitolo successivo, denominato "Un'archeologia del potere", si entra nell'ambito del progetto stesso dell'Homo sacer, nel qual caso si indagano i rapporti tra biopolitica, sovranità e la proposta agambeniana del soggetto etico come "testimonianza". Nel terzo e ultimo, "Il diritto che viene", si è cercato di approfondire, a loro volta, i temi dello stato di eccezione, del governo e della giustizia, ma, in questo caso, il capitolo è stato diviso in due voci: nel primo, il mutamento concettuale operato nell'ontologia occidentale è stato analizzato attraverso il paradigma dell'effetualità e le conseguenze che da esso sono imposte, mentre, nel secondo, ci si sofferma sui rapporti tra diritto e giustizia, concludendo, quindi, come, se vogliamo avvincinarsi alla giustizia, il compito da assolvere sarà poi quello di rinunciare al diritto, in quanto la giustizia non consiste in una sostanza o in una proprietà, ma, secondo Agamben, sulla scia di Walter Benjamin, in uno stato "inapropriabile" del mondo.

Parole Chiave: Giorgio Agamben. Giustizia. Homo sacer. Stato di eccezione. Il diritto che viene.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **4**

O método de Giorgio Agamben: a arqueologia filosófica, o paradigma e a teoria das assinaturas **19**

CAPÍTULO 1 – As origens do programa da filosofia que vem **62**

1.1 As primeiras etapas da crítica à ontologia ocidental 63

1.2 Da in-fância à Voz: ou, da ontologia à ética 82

1.3 Ideia da prosa, a singularidade *qualquer* e a comunidade que vem 126

CAPÍTULO 2 – Uma arqueologia do poder: vida nua, soberania e o testemunho **165**

2.1 Biopolítica e soberania: o primeiro homo sacer 166

2.2 A estrutura da soberania, o bando soberano e o fim do mitologema contratualista 203

2.3 O paradigma biopolítico do campo, Auschwitz e o intestemunhável 242

CAPÍTULO 3 – O direito que vem: estado de exceção, governo e justiça **295**

3.1 O estado de exceção como paradigma da política e as aporias da democracia 296

3.2 O paradigma gerencial e a máquina governamental 340

3.3 O direito que vem: elementos para uma teoria da justiça em Giorgio Agamben 406

3.3.1 Primeira parte: *Opus Dei* e a ontologia da efetualidade 408

3.3.2 Segunda parte: renunciar ao direito para alcançar a Justiça? 458

CONSIDERAÇÕES FINAIS **542**

REFERÊNCIAS **544**

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como principal escopo realizar uma investigação sobre as principais contribuições fornecidas pelo filósofo italiano Giorgio Agamben para os temas da ética, da política e do direito, pensando-as, no entanto, a partir do pressuposto da "justiça". Esta proposta mostra-se extremamente profícua e original, pelas razões que doravante serão expostas, mas, sobretudo, porque não se limita a realizar apenas a exegese filosófica do pensamento do autor, uma vez que, além disto, assume também a tarefa de lançar luz a problemas, dificuldades e desafios urgentes da contemporaneidade, em relação aos quais os escritos deste importante intelectual contemporâneo têm muito a contribuir.

Giorgio Agamben nasceu em 1942, em Roma, e se laureou em Direito em 1965, com uma tese sobre Simone Weil. Entre 1966 e 1969, o autor participou dos Seminários de Thor, ministrados por Martin Heidegger, a convite de René Char. Em seguida, entre 1974 e 1975, realizou pesquisas em Londres na *Warburg Institute Library*. Nos anos de 1982 a 1993 o autor assumiu a tarefa de apresentar ao público italiano uma edição completa das obras de Walter Benjamin, pela editora Einaudi, de Turim. Nesse ofício, acabou descobrindo textos inéditos de Benjamin na biblioteca de Paris. No entanto, por discordâncias com a editora, acabou depois abandonando o projeto. Entre os anos de 1986 e 1993, por sua vez, foi diretor de programa do Colégio Internacional de Filosofia de Paris. A partir de 1988 o autor passou a ensinar na Itália, primeiro em Macerata, depois em Verona, e, por fim, no Instituto *Universitario di Architettura* (IUAV), de Veneza, de onde se demitiu em 2009. Além disso, o autor também deu cursos em várias universidades europeias e norte-americanas, recusando-se a prosseguir lecionando na *New York University*, no entanto, em protesto à política de segurança dos Estados Unidos.

Agamben é um dos mais profícuos e importantes autores da contemporaneidade, possuindo uma vasta e robusta produção intelectual, a qual está centrada especialmente nas relações entre linguagem, filosofia, teoria literária, estética, e, fundamentalmente, a política e o direito. No que tange às suas influências, é muito difícil fazer um catálogo dos autores que mais o influenciaram, devido ao fato de ele ter trabalhado, ao longo do tempo, e de acordo com diferentes etapas da sua produção intelectual, com autores extremamente variados e de diferentes linhagens. No entanto, quanto a isto pode-se seguir Catherine Mills, para quem três figuras do pensamento ocidental possuem uma influência fundamental e recorrente em seu pensamento, que são *Aristóteles*, *Martin Heidegger* e *Walter Benjamin*. Ela ressalta, porém, que estas não são as únicas figuras importantes. Ao lado deles poderiam

figurar, facilmente, também filósofos como Kant, Hegel, Nietzsche, o historiador da arte Aby Warburg, literatos e poetas italianos como Dante e Caproni, além de vários outros.[1]

Porém, não obstante isto, a nosso ver poderia indubitavelmente figurar junto ao panteão de maiores influências de Agamben certamente também *Michel Foucault*, de quem Agamben herda não apenas inspirações a respeito de linhas temáticas de pesquisa, como a questão da biopolítica e da governamentalidade, mas, principalmente, as ferramentas metodológicas, como a arqueologia e a genealogia.[2] Na mesma medida, deve-se computar a influência de *Hannah Arendt*,[3] em quem o autor muito se inspirou para escrever o primeiro *Homo sacer* – influência duradoura, a qual pode ser apreendida também por meio de uma carta que o autor, ainda um jovem e desconhecido escritor, mandou para a autora juntamente com uma cópia do ensaio *Sui limiti della violenza* [Sobre os limites da violência] -,[4] e que desde então se tornará para ele uma referência fundamental.[5]

Há que se concordar com Catherine Mills, contudo, a respeito da enorme e excepcional profundidade da influência que *Benjamin* e *Heidegger* tiveram em Agamben.[6]

---

[1] Cf. Mills, *The Philosophy of Agamben*, 2008, p. 5.

[2] Em *Signatura rerum*, obra na qual Agamben faz uma discussão sobre seu próprio método, pode-se ler o seguinte: "Os três estudos aqui reunidos contêm as reflexões do autor sobre três problemas específicos de método: o conceito de paradigma, a teoria das assinaturas e a relação entre história e arqueologia. *Se essas reflexões são apresentadas como uma investigação sobre o método de um estudioso, Michel Foucault, com quem o autor teve a oportunidade de aprender muito nos últimos anos*, isso acontece porque um dos princípios metodológicos não discutidos no livro – que o autor deve a Walter Benjamin – é que a doutrina só pode ser exposta legitimamente sob a forma da interpretação" (Agamben, *Signatura rerum*, 2019, p. 7, grifo nosso).

[3] Tratando acerca das influências de Agamben, Adam Kotsko ressalta também com muita relevância o papel de Hannah Arendt para Agamben, contudo, acrescenta como outra grande influência do autor Guy Debord, com quem Agamben fez amizade ao final da década de 1980, o que ele descreve como tendo sido um momento de "despertar político". Ainda a respeito da influência de Arendt e Debord, Kotsko propõe que estes autores "[...] did influence his work indirectly insofar as they both pointed toward the conclusion that Communism did not represent a genuine political alternative. This position may also be one that he held on independt grounds as well – namely, through his experience of interacting with actual Communist Party activists. Elsewhere he equates their rigidity and insularity to that of the Roman Catholic Church, as both hold to the principle of *extra ecclesiam non salus*: outside their institutional framework, there can be no salvation. By contrast, he holds that '*extra* is the place of thought'. Later, he even suggests that Italo Calvino's time as a Communist had held back the famous novelist's formidable mind" (cf. Kotsko, *Agamben's Philosophical Trajectory*, 2020, ps. 16-17).

[4] Agamben, ainda muito jovem, com apenas 28 anos, mandou uma carta para Hannah Arendt, na qual conta como a descoberta de seus livros representaram para ele "uma experiência decisiva". Além disso, o autor agradece também a autora com as seguintes palavras: "May I express here my gratitude to you, and that of those who, along with me, in the gap between past and future feel all the urgency of working in the direction you pointed out?" (cf. Agamben, *Letter from Giorgio Agamben to Hannah Arendt*, 2009, p. 111). Em *Autoritratto nello studio* Agamben conta um pouco sobre este episódio: "Durante il secondo seminario a Le Thor, parlai a Heidegger di Hannah Arendt, che avevo cominciato a leggere con entusiasmo e, insieme a Dominique Fourcade, gli chiedemmo il suo indirizzo a New York. Ma fu solo due anni dopo che trovai il coraggio di scriverle, accludendo alla lettera il saggio *Sui limiti della violenza*, che avevo appena pubblicato su *Nuovi Argomenti* (Agamben, *Autoritratto nello studio*, 2017, ps. 26-27).

[5] Cf. Salzani, *Introduzione a Giorgio Agamben*, 2013, p. 18.

[6] Também a opinião de Carlo Salzani: "Martin Heidegger e Walter Benjamin emergono già in questo primo libro [*O homem sem conteúdo*] come i due grandi 'maestri' di Agamben" (Salzani, *Introduzione a Giorgio Agamben*, 2013, p. 17).

Sobre o primeiro encontro com Benjamin, autor cujo pensamento era, para Hannah Arendt, "absolutamente incomparável",[7] Agamben contou, em uma entrevista de 1985, que ele se deu com a tradução italiana de *Angelus Novus*, por Renato Solmi, volume este que introduziu Benjamin ao público italiano. A respeito do encontro, Agamben afirmou o seguinte:

> Lo lessi la prima volta negli anni sessanta nell'edizione italiana di Angelus Novus, curata da Renato Solmi. Mi fece subito un'impressione fortissima: per nessun altro autore ho provato un'affinità così inquietante. Mi capitava quel che Benjamin racconta del proprio incontro col "Paysan de Paris" di Aragon, che dopo un istante doveva richiudere il libro per il batticuore.[8]

O encontro com Benjamin, portanto, se deu no início dos anos sessenta e se mostrou como sendo "decisivo",[9] tendo o autor alemão causado uma impressão fortíssima em Agamben, tão forte quanto a sensação que o próprio Benjamin havia experimentado e relatado numa carta a Theodor Adorno, de 31 de maio de 1935, a propósito da leitura de *Le Paysan de Paris*, de Louis Aragon, livro o qual ele não conseguia ler mais de duas ou três páginas de uma só vez devido ao fato de a leitura fazer seu coração bater muito fortemente.[10] Não apenas isso, mas a importância de Benjamin para Agamben ressoa muito também em seu trabalho de filólogo: foi este aspecto que levou Agamben a dirigir a edição italiana das publicações de Benjamin e também a descobrir vários de seus manuscritos.[11]

O encontro com Heidegger, por sua vez, foi igualmente decisivo para o autor, tendo em vista especialmente sua participação nos seminários de Heidegger em *Le Thor*, os quais Agamben atendeu em 1966, 1968 e 1969. Os seminários se davam de uma maneira muito clássica, tanto em forma quanto em conteúdo, com Heidegger, um ardente caminhante mesmo já em idade avançada, adicionando um toque peripatético ao seminário por meio das longas caminhadas nas quais ele guiava o grupo. Estes seminários foram realmente decisivos

---

[7] Remetemos, nesse sentido, ao relato de Hannah Arendt em *Homens em tempos sombrios*, onde escreve que "No caso de Benjamin, o problema (se é que o era) pode ser retrospectivamente diagnosticado com grande precisão; quando Hofmannsthal leu o longo ensaio sobre Goethe, cujo autor era completamente desconhecido, considerou-o '*schlechthin unvergleichlich*' ('absolutamente incomparável'), e o problema é que ele estava literalmente certo: era algo que não se poderia comparar a nada mais na literatura existente. O problema com tudo o que escreveu Benjamin é que sempre demonstrava ser *sui generis*" (Arendt, *Homens em tempos sombrios*, 2008, p. 167).

[8] Agamben, *Un'idea di Giorgio Agamben*, 1985, s/p.

[9] "In questo senso, anche quello con Benjamin è stato per me un incontro decisivo, anche se avvenuto soltanto sui libri" (Agamben, *Un'idea di Giorgio Agamben*, 1985, s/p).

[10] Pode-se ler na carta de Benjamin a Adorno: "Lá está Aragon bem no seu início – *Le paysan de Paris*, do qual nunca pude ler mais que duas ou três páginas na cama sem que meu coração começasse a bater tão forte que eu precisasse pôr o livro de lado" (cf. Adorno; Benjamin, *Correspondência, 1928-1940*, 2012, p. 155).

[11] "On est encore loin, je crois, d'avoir tiré toutes les conséquences épistémologiques du travail de Benjamin pour les sciences humaines. En tout cas, c'est sur Benjamin que s'est toujours exercé mon travail de philologue: il m'est arrivé non seulement d'assurer l'édition italienne de ses écrits, mais aussi de découvrir des manuscrits" (Agamben, *Agamben, Le chercheur d'homme*, 1999, p. 5).

para o autor,[12] pois eles não eram simplesmente "um local de aprendizado", mas formavam, com efeito, o que ele chamou de *constelação*, isto é, uma reunião de elementos dos quais resultavam coisas verdadeiramente inesperáveis. E esta coisa inesperável era, simplesmente, a *filosofia*, visto que, conforme Agamben iria anos depois recordar, foi nesses seminários que para ele "a filosofia se tornou possível".[13]

E, contudo, Agamben diria, um tanto enigmaticamente, sobre estes seus primeiros "mestres" filosóficos, que cada um serviu como uma espécie de "antídoto" em relação ao outro. Para Agamben, toda grande obra contém uma parte de sombra e veneno, contra a qual nem sempre nos dá o antídoto. E a singularidade de Benjamin reside no fato de que, como observou o autor, "Benjamin a été pour moi cet antidote, qui m'a aidé à survivre à Heidegger".[14] Todavia, tanto a natureza deste "veneno" quanto também a do seu "antídoto" não nos é muito clara. O que é claro, no entanto, é como este encontro com Benjamin veio a moldar o encontro de Agamben com *a própria filosofia*, e, como diz Carlo Salzani, "[it] would exert an enduring influence (perhaps 'the single most important influence') on his entire *oeuvre*".[15] Nesse sentido, é interessante notar também que, embora Heidegger realmente seja uma das principais e mais duradouras influências de Agamben, especialmente no seu modo e estilo de análise, mais frequentemente é Benjamin quem provê Agamben com

---

[12] Sobre os seminários de *Le Thor*, Agamben escreveu também o seguinte: "Che cos'è stato per me l'incontro con Heidegger in Provenza? Certo non riesco a separarlo dal luogo in cui è avvenuto – il suo viso insieme mite e severo, gli occhi così accesi e intransigenti non li ho visti altrove se non in sogno. Vi sono nella vita eventi e incontri a tal punto decisivi, che è impossibile che entrino completamente nella realtà. Accadono, certo, e segnano la via - ma non finiscono, per così dire, mai di accadere. Incontri, in questo senso, *continui*, come i teologi dicevano che Dio non smette mai di creare il mondo, che vi è una creazione continua del mondo. Essi non cessano di accompagnarci fino alla fine. Fanno parte di ciò che resta incompiuto in una vita, che va al di là di essa. E ciò che va al di là della vita è ciò che resta di essa" (Agamben, *Autoritratto nello studio*, 2017, ps. 16-17).

[13] Cf. de la Durantaye, *Giorgio Agamben*, 2009. p. 2. A propósito desta última citação, sobre a "filosofia ter se tornado possível", conforme a entrevista *Agamben, Le chercheur d'homme*: "L'essentiel est que ce fut peut-être à ce moment que, pour le jeune homme que j'étais, qui avait étudié surtout le droit et la philosophie, la philosophie est devenue possible" (Agamben, *Agamben, Le chercheur d'homme*, 1999, p. 5).

[14] Cf. Agamben, *Agamben, Le chercheur d'homme*, 1999, p. 5. Trata-se, de fato, de uma inusitada combinação, uma vez que os autores não poderiam ser mais diferentes entre si: Benjamin, o eterno outsider; Heidegger, o ambicioso alemão da Floresta Negra. É sabido, porém, que Benjamin não nutria muitas empatias por Heidegger, como se pode observar no relato de Wolfram Eilenberger: "Na qualidade de jornalista correspondente, Benjamin não deixaria de notar que o salão de eventos de Davos era como uma galeria de antepassados de todas as suas humilhações acadêmicas – em primeiro lugar estava Martin Heidegger, absolutamente odiado por Benjamin. Em 1913-1914, em Freiburg, ambos ainda frequentaram juntos a sala de aula do neokantiano Heinrich Rickert (que mais tarde se tornaria orientador de Heidegger). Desde então, Benjamin acompanhava a ascensão de Heidegger com atenção e muita inveja. Em 1929 ele planeja, mais uma vez, fundar uma revista (título provisório: *Crise e Crítica*), cuja missão seria nada menos que a 'destruição de Heidegger', como confia ao seu novo melhor amigo Bertolt Brecht, cogitado para ser cofundador da revista" (Eilenberger, *Tempo de mágicos*, 2019, p. 36). A nosso ver, porém, no que tange a Agamben, a influência de Heidegger, embora definitiva nos primeiros escritos do jovem Agamben, foi paulatinamente se esvanecendo, enquanto a influência de Benjamin, ao contrário, apenas se fortaleceria com o passar dos anos, ao ponto de se tornar, provavelmente, a mais duradoura e decisiva influência de seu pensamento e de sua produção.

[15] Cf. Salzani, *Walter Benjamin*, 2017, p. 27.

as ferramentas conceituais para a resolução "*euporica*" das *aporias* por ele diagnosticadas, sob as quais se apoiam, por exemplo, a violência das democracias modernas e o seu consumo capital, como ressalta Catherine Mills.[16]

Sobre Agamben, pode ser seguramente dito que ele era relativamente desconhecido do público brasileiro, talvez até mesmo também do público mundial, até o ano de 1995. Neste ano, contudo, ocorre a publicação de *Homo sacer: Il potere sovrano e la nuda vita* [Homo sacer: o poder soberano e a vida nua], e o autor se torna, de repente, como diz Carlo Salzani, uma espécie de "estrela" filosófica internacional. Desde então seus livros passaram a ser traduzidos e discutidos em todo o mundo, o que certamente acarretou uma transformação e redefinição no parâmetro da filosofia política e do discurso crítico contemporâneo, introduzindo neste um novo vocabulário e novas conceitualizações. Suas teses, que são simultaneamente provocativas, extremas e, para muitos, até mesmo "escandalosas", se popularizam no campo teórico, dividindo-se entre adeptos entusiastas e críticos absolutos e categóricos: para alguns, Agamben seria uma espécie de "profeta" dos eventos que poucos anos depois vieram a mudar o mundo,[17] como o 11 de setembro de 2001, o campo de prisioneiros de Guantánamo, os fatos da prisão de Abu Ghraib, etc.; outros, porém, irresolutamente taxam seu projeto filosófico de niilista, utópico e, por fim, até mesmo de impolítico.[18]

De qualquer maneira, tanto para entusiastas, quanto para os mais empenhados críticos, é inegável que já não é mais possível discutir conceitos como *biopolítica*, *soberania*, *vida* e *sacralidade*, apenas para nomear alguns termos, sem levar em conta os escritos de Agamben. Por outro lado, o sucesso de *Homo sacer* produziu outro efeito, se não negativo, ao menos redutivo ou reducionista: ele fez com que a obra de Agamben fosse rubricada com a etiqueta de "filosofia política" e, desta maneira, toda a sorte de literatura crítica de sua obra

---

[16] Cf. Mills, *The Philosophy of Agamben*, 2008, p. 5.

[17] Adam Kotsko também se pronuncia nestes termos. De acordo com o autor, "For most of the 2000s, there was no thinker more in tune with his historical moment than Giorgio Agamben. His most famous work, *Homo Sacer: Sovereign Power and Bare Life* (1995), had established him as a major political thinker, but world events conspired to make him a prophet. In that pathbreaking work, he argued that Western politics had always been fundamentally about the relationship between sovereign power and bare life – in other words, politics has always been a matter of deciding who is a citizen with rights and who is a non-person. Making this decision is the ultimate function of any sovereign political entity, and the line between person and non-person is the line between where the law applies and where sheer necessity (and therefore limitless violence) reigns. In the mid-1990s, one could perhaps be forgiven for finding this thesis to be provocatively overblown. With the dawn of the War on Terror, however, and especially the revelation of the abuses at Abu Ghraib and Guantánamo Bay, Agamben's idiosyncratic diagnosis seemed disturbingly prescient. And in his sequel to *Homo Sacer*, *State of Exception* (2003), Agamben forcefully asserted the contemporary relevance of his ideas by inscribing the Bush administration in a longer history of modern Western democracies' reliance on exceptional powers" (Kotsko, *Agamben's Philosophical Trajectory*, 2020, p. 1).

[18] Cf. Salzani, *Introduzione a Giorgio Agamben*, 2013, p. 7.

se concentrou quase que exclusivamente apenas no *Homo sacer* e nas teses ali propostas. Isso causou um profundo estranhamento, pois, para a filosofia política "tradicional", a "filosofia política" presente no *Homo sacer* é certamente anômala, tendo em vista as muitas referências para a metafísica, a literatura, a linguística e a um discurso "pseudo-religioso" (segundo seus críticos). Isso permite, porém, de certa forma, que até se compreenda algumas das críticas endereçadas ao seu trabalho, como a de ser "impolítico", caso se trate de compreender a "política" a partir dos confins, sumariamente limitados, da teoria acadêmica e da sua redução e compartimentalização disciplinar.[19]

Posteriormente, no entanto, o sucesso de *Homo sacer* e dos volumes que o seguiram levaram ao exame e tradução de seus trabalhos anteriores, orientando a crítica progressivamente para uma análise geral da filosofia de Agamben, para muito além da velha simplificação que enxerga no *Homo sacer* uma espécie de "virada política" do autor em comparação com suas análises anteriores, as quais versam sobre estética, metafísica, literatura e linguagem. Seu projeto propriamente "político", portanto, iniciado com o *Homo sacer* - na verdade, porém, seria mais correto indicar esta raiz com o livro *A comunidade que vem*, de 1990 -,[20] apenas poder ser integralmente entendido quando inserido no complexo do trabalho agambeniano, tendo em vista que em suas obras se pode verificar uma continuidade substancial de interesses e intenções. Pode-se dizer, desta forma, que se não restam dúvidas de que foi a partir da década de 1990 que Agamben se concentrou mais propriamente no tema da política e da sua crise na contemporaneidade (e também não há dúvidas que muito disto se deve à influência da leitura de Foucault),[21] é igualmente certo também que estas leituras "políticas" rearticulam-se e se baseiam num sentido mais expressamente político às críticas à metafísica, à estética, à linguagem e à história, que Agamben havia conduzido de maneira coerente e unitária desde suas primeiras publicações. E se a sua "filosofia política"

---

[19] Cf. Salzani, *Introduzione a Giorgio Agamben*, 2013, ps. 7-8.

[20] Discordando, em certa medida, de Carlo Salzani, Adam Kotsko aponta como o pensamento de Agamben não é monolítico, tendo mudado ao longo do tempo, e indica, nesse sentido, *A comunidade que vem* como um dos pontos de inflexão de seu pensamento: "The result of this philological investigation has been clear: Agamben's thought does indeed change over time. This is not to say that Agamben's work develops in a linear or progressive fashion. Yet there are clear inflection points. Most notably, politics are virtually absent from his work prior to *The Coming Comunity* (1990), to the point where no one familiar with the first twenty years of his carreer would have guessed that he would one day become a world-renowned political theorist" (Kotsko, *Agamben's Philosophical Trajectory*, 2020, p. 9).

[21] Isto certamente é verdadeiro. Mas, para Kotsko, pode-se acrecentar neste mesmo sentido também outra duradoura influência de Agamben, "[...] namely, Guy Debord, whose *Society of the Spectacle* (and personal friendship) was so crucial in Agamben's turn toward explicitly political writing". Nesse mesmo sentido, o autor escreve também como foi Debord quem mais fez "[...] to convince Agamben that politics was truly worthy of philosophical attention" (cf. Kotsko, *Agamben's Philosophical Trajectory*, 2020, ps. 93-94).

pode ser considerada "anômala" e "heterogênea" em relação à teoria política tradicional, é porque ela deve ser rastreada até sua matriz autêntica e original, isto é, a *ontologia*.[22]

Como esclarece Carlo Salzani, a política é para Agamben "[…] una questione squisitamente ontologica, anzi, è *la* questione ontologica *tout court*, perché in essa ne va dell''abitare' di quell'animale chiamato 'uomo' nel mondo in cui si trova gettato".[23] Não por outra razão, para o autor, aquilo que Michel Foucault denominou de "biopolítica", ou seja, a assunção pela política moderna da "gestão da vida", consiste apenas na extrema evolução de um processo que desde sempre esteve presente, intrínseco à ontologia ocidental. Por isso, a filosofia de Agamben talvez possa ser melhor rubricada como uma *crítica integral à ontologia ocidental*.[24] Nesse sentido, o projeto filosófico de Agamben pode ser caracterizado, portanto, como um trabalho de "*ontologia política*",[25] um ramo do conhecimento localizado, segundo Mathew Abbott, entre a "filosofia política" e a "teologia" política,[26] e que busca estudar como nossa ontologia, isto é, nossa concepção acerca do mundo *enquanto tal*, condiciona o que nós entendemos como sendo as possibilidades ônticas das coletividades humanas. Nesse sentido, a ontologia política é desde sempre uma parte da filosofia política - em relação a qual ela aparece, no entanto, em diferentes graus de explicidade; mas é também, porém, parte integrante da teologia política, ao menos em sua variação schmittiana, a qual pode ser considerada, certamente, como sendo paradigmática. A ontologia política não é, nesta medida, uma forma de pensamento fundada na desinteressada contemplação de uma "razão pura", mas algo que se funda no confronto com um problema eminentemente existencial.[27] Desta forma, de acordo com Abbott,

> While for Meier's Schmitt this was the problem of how to live and think in obedience to God, the problem for political ontology is the ontological question itself. Political ontology is the study of the political stakes of the question of being. Thus the political ontologist agrees with the political theologian that thinking the political means responding to an irreducible exigency – that one thinks as situated

[22] Cf. Salzani, *Introduzione a Giorgio Agamben*, 2013, p. 8.
[23] Salzani, *Introduzione a Giorgio Agamben*, 2013, p. 8.
[24] Cf. Salzani, *Introduzione a Giorgio Agamben*, 2013, ps. 8-9. E é justamente nesse mesmo contexto que as suas análises sobre estética, literatura, ética e linguagem devem ser alocadas, pois, "la questione, per Agamben, è sempre una questione di quello che Aristotele chiamava *prote philosophia*, 'filosofia prima'" (cf. Salzani, *Introduzione a Giorgio Agamben*, 2013, p. 8.)
[25] Cf. Kotsko, *Agamben's Philosophical Trajectory*, 2020, p. 67.
[26] Para Abbott, a *ontologia política* consiste num terceiro termo, o qual ele opõe contra as alternativas da filosofia e teologia políticas. Sobre estas duas alternativas, o autor esceve o seguinte: "In his studies of the thought of Carl Schmitt, Heinrich Meier insists of a distinction he takes to be crucial for understanding the challenge posed by the jurist's lesson: the difference between political philosophy and political theology. If *political philosophy* is the study of the political good carried out 'entirely on the ground of human wisdom', Meier argues, then political theology is the study of the same from the standpoint of a 'faith in revelation'" (Abbott, *The Figure of this World*, 2014, p. 13, grifos nossos).
[27] Cf. Abbott, *The Figure of this World*, 2014, ps. 13-14.

> in response to a certain moral or ethical demand – yet she takes this demand to consist not in divine revelation but rather in the fact that human beings are beings for which being is at issue. Indeed this represents a real incomensurability between political theology and political ontology, as political ontology has to work in light of a kind of atheism. This is because a proper confrontation with the ontological question requires we follow through on a certain experience of abandonment (both the abandonment of the human after the death of God and the ontological 'abandonment' of the existent by existance, what Jean-Luc Nancy will call the 'withdrawal of the cause in the thing' […]; political ontology cannot be an ontotheology.[28]

A conexão da ontologia política com o pensamento de Heidegger está, pode-se notar, claramente colocada. Ela se apresenta, porém, tanto em um sentido positivo, como uma de suas condições capacitadoras, quanto em um sentido negativo, ou seja, como um de seus pontos-chave de crítica. De particular importância, quanto a isto, é a afirmação heideggeriana de que a metafísica, o nome que Heidegger dá para o pensamento Ocidental desde Platão, não é capaz de pensar a questão da ontologia: para o autor, não apenas a metafísica falhou na inquirição da verdade acerca do ser em si mesmo, mas a questão é, no todo, inacessível para a metafísica enquanto tal,[29] de modo que, como escreve Abbott, "Metaphysical thinking simply cannot cope with the question of being; or, better, being is unable to *become a question* in metaphysical thought. Metaphysical thought is entirely unsurprised by being: it takes the fact that things exist for granted".[30]

Nesta medida, deve ficar claro também que a ontologia política é – ou ao menos pretende ser – "pós-metafísica". Isso significa que ela irá se preocupar em pensar nossa situação política nos termos de sua herança metafísica, trabalhando com a premissa de que a cegueira ante a questão ontológica da metafísica comporta consequências reais para a "política ôntica". Se engajar na ontologia política significa, logo, pensar a partir da ideia de que nossos sistemas conceituais possuem um profundo e problemático "ponto cego", isto é, o fato de que nossos modelos representacionais passam ao largo do "fato do ser" ("[they] miss the fact of being") por conta de uma falha constitutiva. A reivindicação aqui é, então, em outras palavras, "[…] that political thought has inherited the basic flaw of metaphysics, coming as it does from out of the very tradition that Heidegger worked to undermine"; uma reivindicação em relação a qual, segundo Mathew Abbott, o trabalho de Agamben é

---

[28] Abbott, *The Figure of this World*, 2014, p. 14.

[29] Conforme escreve Heidegger, por exemplo, na *Carta sobre o humanismo*: "Ê certo que a metafísica *representa* o ente em seu ser e pensa assim o ser do ente. Todavia, ela não pensa a diferença entre *êles* [...]. A metafísica não questiona o Verdade do Ser era si mesmo. Daí também nunca colocar a questão, de que modo a Essência do homem pertence à Verdade do Ser. Essa questão, a metafísica não *apenas* ainda não colocou. Ela é inaccessível à metafísica, enquanto metafísica. O Ser continua a esperar, que *Êle* mesmo se torne, para o homem, digno de ser *pensado*" (Heidegger, *Carta sobre o humanismo*, 1995, p. 39, grifos do autor).

[30] Cf. Abbott, *The Figure of this World*, 2014, ps. 15-16, grifo do autor.

paradigmático, e a tal ponto que, com efeito, a sua compreensão se torna impossível, senão na forma de uma *ontologia política*.[31] Por isso, pode-se dizer que a sua proposta política, a "*pars construens*" de todo seu projeto, resulta incompreensível quando não alocada em seu âmbito próprio (incompreensão, aliás, pela qual recebeu tantos ataques): a formação de uma *nova política* (tendo em vista a insuperável crise da antiga) é possível apenas por meio de uma *nova ontologia*, consistindo isto numa das mais originais, constantes e principais intenções de Agamben. Para o autor, apenas por meio de uma crítica desta ontologia e das concepções de tempo e história que dela derivam será possível pensar uma nova experiência do viver e do agir no tempo, e, igualmente, também uma outra ética e uma outra política.[32] E, para nós, mais especificamente, interessa pensar, nestes termos, a possibilidade de um *outro direito*.

Feitas estas considerações, pode-se já retornar aos propósitos desta tese de doutoramento. No sentido acima explicitado, este trabalho almeja encontrar esta nova ontologia proposta por Giorgio Agamben, e, sem olvidar os escritos e temas previamente tocados pelo autor, mas, concentrando-se principalmente no que tange aos temas da ética, da política e do direito, ela procurará interpretar as suas principais chaves teóricas, a exemplo dos conceitos de *forma-de-vida*, *inoperância*, *resto*, *uso*, *singularidade qualquer*, *meios puros* e *política da profanação*, como elaborações teóricas prenhes de um autêntico conteúdo radicalmente emancipatório, voltados, no sentido de *uma política e um direito que vem*, à superação da violência e injustiça à qual fora submetida e implicada a *vida nua*, da forma como foi constituída no seio da ontologia ocidental.

A *vida nua* é, para fins de contextualização do leitor, o conceito sob o qual revolve a crítica de Agamben sobre o dispositivo jurídico-político ocidental. Este conceito, por muitas vezes obscuro, é aquele que permite Agamben promover tanto sua crítica da exceção na política e no direito contemporâneos, quanto também a teorização de um possível caminho para além do niilismo e da violência da captura e do abandono biopolíticos. Esta noção, que é desenvolvida a partir da distinção aristotélica entre *zoé*, a vida biológica natural, e *bíos*, a vida politicamente qualificada, ou, também, a específica forma de vida de uma determinada comunidade política, é, em sua conceituação mais basilar, aquela vida que se encontra suspendida entre o natural e o político, ou, melhor dizendo, a vida que é incluída na política por meio de sua exclusão e, como tal, indefinidamente abandonada à violência

[31] Cf. Abbott, *The Figure of this World*, 2014, ps. 16-17.
[32] Cf. Salzani, *Introduzione a Giorgio Agamben*, 2013, p. 9.

soberana.[33] A vida nua, como se pode ver, devido à sua posição de suspensão em relação à violência soberana, não pode promover por si só uma rota de saída para além da violência e captura biopolíticas.[34] Quaisquer tentativas de fundar uma política sobre a vida nua, nesse sentido, estarão destinadas a repetir indefinidamente as aporias das modernas democracias, as quais falham na sua tentativa de reconciliar *zoé* e *bíos*, e que, desta maneira, continuam a produzir somente a *vida nua* como a vida dos sujeitos políticos. Mas ela pode igualmente, porém, indicar, segundo Agamben, o que é necessário para fornecer o "centro unitário" para a *política que vem*, na medida em que se reconhece a necessidade de pensar um conceito de vida que não mais opere nos terrenos da *bíos* e da *zoé*.[35] Pois, como se verá, a rota de superação desta aporia residirá, para os fins do alcance do "*direito que vem*", no cerne do emancipatório conceito de *forma-de-vida* formulado pelo teórico italiano, o qual se encontra em oposição simétrica ao conceito de *vida nua*, tendo em vista que este conceito tem como finalidade precisamente unir aquilo que na vida nua havia sido radicalmente e irreparavelmente rompido.

Deste modo, contra a violência desmedida e sem saída a qual fora destinada a *vida nua* é necessário buscar, portanto, a vida *feliz* (a qual não tem a ver com nenhum estado psicológico ou emotivo, mas com o estatuto profano do viver e da potência e sua preservação[36]) ou *forma-de-vida*, isto é, uma vida reconciliada, em cuja *bios* e *zoé* não podem ser mais distinguidas. Estes, por sua vez, são apenas alguns dos conceitos por meio dos quais Agamben propõe a sua *teoria da libertação política* (nos termos de Mills, "Agamben's theory of political liberation"), e que aqui serão tomados como conceitos chaves para a procura da ideia de justiça em Agamben. Entretanto, deve-se notar que todos estes conceitos não podem ser entendidos sozinhos, solipsisticamente, pois, conforme observa Catherine

---

[33] Como anuncia Agamben logo na introdução do primeiro Homo sacer: "Protagonista deste livro é a vida nua, isto é, a vida *matável* e *insacrificável* do *homo sacer*, cuja função essencial na política moderna pretendemos reivindicar. Uma obscura figura do direito romano arcaico, na qual a vida humana é incluída no ordenamento unicamente sob a forma de sua exclusão (ou seja, de sua absoluta *matabilidade*), ofereceu assim a chave graças à qual não apenas os textos sacros da soberania, porém, mais em geral, os próprios códices do poder político podem desvelar os seus arcanos (Agamben, *Homo Sacer*, 2010, p. 16).

[34] Nesse sentido, segundo escreve Oswaldo Giacoia Junior (2018, p. 132), a vida nua não é simplesmente "[...] a vida natural, um fato biológico, mas um *evento político*: vida nua é o resultado político da exceptio da vida no Bann da soberania, isto é, da inclusão excludente da vida no interior dos cálculos e estratégias de poder e soberania. *Vida nua é, portanto, um conceito central da biopolítica*, que se caracteriza justamente por ser uma política no centro da qual a vida natural ingressa como aposta em jogo, o campo de incidência da decisão soberana, enquanto poder de vida e morte, de fazer morrer ou deixar viver – ou então, em sua inversão tipicamente moderna, poder de deixar morrer e fazer viver" (Giacoia Junior, *Agamben, Por uma ética da vergonha e do resto*, 2018, p. 132, grifos nossos).

[35] Cf. Mills, *The Philosophy of Agamben*, 2008, p. 107.

[36] Uma vez que "Também Benjamin, no *Fragmento teológico-político*, não deixa dúvidas quanto ao fato de que 'a ordem do profano deve ser orientada para a ideia de felicidade" (Agamben, *Meios sem fim*, 2015, p. 105).

Mills, eles devem ser compreendidos no âmbito do conceito de política buscado por Agamben, o qual se dá no sentido da busca de *meios puros*, da liberação dos objetos da impostação da relação necessária entre meio e fim, de modo a se alcançãr, então, sua consequente liberação para *novos e livres usos*:

> Different as they may appear, all these ideas are underpinned by a concern with politics understood as the suspension of the relation between means and end – that is, a *politics of pure means* in which the instrumentality of contemporary politics and thought is suspended through a new relation to and *new use* of objects, ideas and, most significantly, law itself. This idea of a new use of law is suggested in Agamben's discussions of play and profanation, and it leads to a conception of justice as a new relation to the forgotten or lost past that has never been. Throughout his discussions of a "coming politics" Agamben also insists upon the idea of the historical appropriation of the *ethos* of humanity, and the perceived necessity of a conception of time appropriate to the messianic task of contemporary politics.[37]

Assim, retornando à caracterização do autor, pode-se dizer, à luz das considerações já feitas, que a faceta mais conhecida do pensamento de Agamben consiste justamente na sua faceta "política", a qual é também a maior portadora de comentários, pesquisas e seminários, e que, como visto, traz em seu bojo uma crítica fulminante ao exercício do poder soberano, à violência e, nesse sentido, também à injustiça.

Não obstante, deve-se ressaltar, porém, que qualquer abordagem sobre o pensamento de Agamben deve promover um diálogo dialético com a sua produção global, não se eximindo de enfrentar os temas e problemas tratados incialmente pelo autor, tendo em vista que seu pensamento se encontra permeado por todos os seguinte vetores: primeiramente, é necessário levar em consideração as obras que tratam sobre o debate estético e literário, os quais se articulam de forma muito próxima com textos voltados ao debate ontológico, como *Infanzia e storia: destruzione dell'esperienza e origine dela storia* (1978) e *Il linguagio e la morte: un seminario sul luogo dela negativitá* (1982), *L'Aperto: l'uomo e l'animale* (2002), *La potenza del pensiero* (2005) e *Nuditá* (2009); a questão do tempo, que possui um importante desenvolvimento na coletânea de ensaios de *Infanzia e storia*, mas que alcança seu maior ponto de saturação nas glosas feitas à "Epístola dos Romanos" de Paulo, em *Il tempo che resta: un comento ala Lettera ai Romani* (2000); para, por fim, entrar diretamente na questão política, a qual foi pensada pelo autor, basicamente, nos escritos *La comunitá che viene* (1990), *Bartleby: la formula dela creazione* (1993, em coautoria com Gilles Deleuze), *Mezzi senza fine* (1996), *Profanazioni* (2005), nas várias obras que pertencem ao projeto *Homo sacer*, além de vários outros importantes ensaios

[37] Mills, *The Philosophy of Agamben*, 2008, p. 108.

esparsos e conferências.[38] Sem mencionar, ainda, as obras mais recentes, como *Che cos'è la filosofia?* (2016), *Karman. Breve trattato sull'azione, la colpa e il gesto* (2017), *Autoritratto nello studio* (2017) e *Il regno e il giardino* (2019), que o autor continua ininterruptamente publicando até os dias atuais.

Mas, no que tange especificamente ao projeto *Homo sacer*, porém, pode-se dizer que ele consiste num monumental projeto interdisciplinar, que foi iniciado por Agamben a partir da publicação do primeiro volume da série, *Homo Sacer I: O poder soberano e a vida nua*, em 1995, e finalizado somente com a publicação do último volume da série, *O uso dos corpos* [*Homo Sacer, IV, 2*], em 2014.[39] Desta forma, tendo em vista que as suas publicações não seguiram uma ordem cronológica, pensa-se que uma visão de conjunto do projeto filosófico *Homo sacer* pode ser, aqui, decisivamente instrutiva:

- **Volume I**: *Homo Sacer*: *O poder soberano e a vida nua*, 1995;
- **Volume II**: 1 – *Estado de exceção*, 2003;
  2 – *Stasis: A guerra civil como paradigma político*, 2015;
  3 – *O sacramento da linguagem: Arqueologia do juramento*, 2008;
  4 – *O reino e a glória: Uma genealogia teológica da economia e do governo*, 2007;
  5 – *Opus dei: Arqueologia do ofício*, 2012;
- **Volume III**: 1 – *O que resta de Auschwitz: O arquivo e o testemunho*, 1998;
- **Volume IV**: 1 – *Altíssima pobreza: Regra monástica e forma de vida*, 2011;
  2 – *O uso dos corpos*, 2014.

Deste modo, após estas considerações, torna-se possível melhor esclarecer em que consiste o principal objeto da pesquisa "*O Direito que vem: considerações intempestivas sobre a Justiça em Giorgio Agamben*"[40], bem como também a metodologia que será nela utilizada. Esta pesquisa tem como principal escopo realizar a reconstrução das principais

---

[38] Cf. Barbosa, *Política e tempo em Giorgio Agamben*, 2014, ps. 16-17.

[39] Se é discutível, e de fato é, a questão acerca da existência de uma "continuidade temática" nas primeiras obras de Agamben até suas publicações tardias, há uma outra mudança em Agamben que é, por sua vez, absolutamente indiscutível. Trata-se da mudança "formal" que seus trabalhos adquiriram no escopo do projeto *Homo Sacer*, conforme escreve Kotsko: "The early 2000s – when he set to work constructing the *Homo Sacer* series, on a much larger scale than readers of the first few volumes would have expected – mark the emergence of a new system-building impulse, which stands in some tension with the ever-increasing scope of the project. Finally, the publication of *The Use of Bodies*, which brought the *Homo Sacer* project to a close, marked another shift in focus, as the works that have continued to appear in recent years have all taken on a more explicitly personal and reflective tone" (Kotsko, *Agamben's Philosophical Trajectory*, 2020, p. 9).

[40] Sim, *intempestivas*, pois, para Agamben, "Pertence verdadeiramente ao seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo aquele que não coincide perfeitamente com ele nem se adequa às suas exigências e é, por isso, nesse sentido, inatual; mas, precisamente por isso, exatamente através dessa separação e desse anacronismo, ele é capaz, mais que os outros, de perceber e apreender o seu tempo" (Agamben, *Nudez*, 2014, p. 22).

teses formuladas por Giorgio Agamben ao longo de sua produção intelectual, mas, sobretudo, mantendo o foco nas formulações contidas no projeto *Homo Sacer*, a partir da revisão bibliográfica de todos os seus nove tomos, lidos e trabalhados criticamente em consonância com a produção teórica global do autor, no desiderato de se desvendar a verificação sobre a possibilidade ou impossibilidade de procedência da hipótese básica deste trabalho, a qual consiste precisamente na afirmação quanto à existência de uma chama utópica e de um potente e radical caráter socialmente e politicamente emancipatório na obra de Agamben, a qual tentaremos aproximar ao conceito de "Justiça", e que pode ser desde já nomeada, no que tange aos fins desta pesquisa, para usar uma nomenclatura frequente na obra do autor, de "*O Direito que vem*",[41] o qual deverá ser, ao final do percurso, caso nossa proposta se mostre coerente e apropriada, devidamente diagnosticado e caracterizado.

Esta pesquisa, deve-se também observar, pode-se dizer consistir numa espécie de continuação da pesquisa iniciada previamente no início de nossos estudos de pós-graduação, pois possui suas origens no trabalho de mestrado do qual resultou a Dissertação "*Crítica da Violência: Incursões sobre a vida nua, a exclusão e a exceção no direito*", em cuja buscou-se realizar uma crítica da violência, especialmente a violência que se impõe no campo semântico do direito. Nesta, foi realizada primeiramente, a partir de um diálogo interdisciplinar, um diagnóstico do tempo presente, de modo a esclarecer as consequências humanas advindas dos processos de exclusão social que podem ser apreendidos na construção da modernidade, com suas pretensões de ordem e pureza, bem como seus reflexos no âmbito da discussão sobre a pós-modernidade; em um segundo momento, porém, a pesquisa se voltou para o direito para entender como se deu o seu desenvolvimento na era moderna, época na qual ele passou a ser entendido principalmente como instrumento de legitimação do poder e de controle social, especialmente a partir daquela teoria que veio a se tornar o principal paradigma da filosofia do direito na modernidade, isto é, o positivismo jurídico, que, devido ao caráter instrumental a que submete o direito, nos oportunizou a promoção de uma crítica da técnica, a qual foi, em seguida, radicalizada, tendo como principal referência a crítica da violência de Walter Benjamin, para quem o direito se apresenta sempre como violência, seja como violência que institui o direito, seja como violência que o mantém. Ao final do trabalho, então, assumimos e problematizamos alguns

[41] Agamben utiliza, para veicular este caráter utópico e socialmente emancipatório que defendemos existir em sua obra, figuras como "A política que vem", "A comunidade que vem" e "A ética que vem", somente para citar alguns exemplos. Esta preferência vernacular provavelmente é inspirada em um texto do jovem Benjamin, de 1918, chamado "*Über das Programm der kommenden Philosophie*", e que pode ser traduzido como *Sobre* o *programa da filosofia que vem* (ou futura, vindoura, por vir).

dos principais pontos da crítica ao dispositivo jurídico, o que foi realizado sobretudo a partir já com auxílio da obra de Agamben. Contudo, diferentemente da pesquisa iniciada no mestrado, esta tese de doutorado encontra novos desafios, amplia enormemente seu escopo e busca acompanhar a trajetória de Agamben ainda mais profundamente na direção dos abismos e aporias da filosofia, da política e do direito ocidentais, nos termos por ele assinalados. Assim, na medida em que, além disso, almeja também a buscar os traços sêmicos da noção de "Justiça" em sua obra, não se confunde com a pesquisa anterior, mas em muito a excede e complementa.

Por fim, advertimos os leitores(as) que, ao percorrer estes caminhos teóricos, os pensadores escolhidos para o diálogo, Agamben em especial, e as constelações por eles promovidas, o autor desta Tese compartilha também, humildemente, mas de modo direto, suas inquietações e preocupações, implicando esta constatação no fato de que se faz este trabalho como uma forma de intervenção no presente. Seguindo os passos de Nietzsche, que ecoaram fortemente também em Benjamin e em Agamben,[42] que diz, na *Segunda consideração extemporânea*, a respeito de uma aproximação crítica sobre a história, que sim, "precisamos da história, mas de maneira diferente do que dela precisa o ocioso mimado no jardim do saber, que pode nobremente olhar com desdém para nossas toscas necessidades e nossas rudes carências",[43] esta pesquisa é feita não apenas com a finalidade de cumprir uma tarefa de requisito acadêmico (embora, é claro, também a seja), mas como uma forma de se engajar criticamente em questões e problemas concretos, no intuito de conseguir enxergar

---

[42] Em Benjamin, como uma grande inspiração para a formulação de suas concepções sobre o conceito de história, aparecendo uma importante citação deste texto de Nietzsche na epígrafe à sua XIIª tese *Sobre o conceito de história*, como observado também por Jeanne Marie Gagnebin: "A epígrafe, oriunda da *Segunda consideração extemporânea*, é a seguinte: 'Precisamos da história, mas precisamos dela de outra maneira que aquela do mimado caminhante no jardim do saber'. Chama atenção nessas palavras a imagem do 'caminhante ocioso', uma prefiguração nietzschiana do *flâneur* benjaminiano" (Gagnebin, *Limiar, aura e rememoração*, 2014, p. 91); para uma análise específica sobre a questão, conferir, porém, também Löwy, *Walter Benjamin: aviso de incêndio*, 2005, p. 108. Na esteira das lições sobre os usos e desusos da história, diz de la Durantaye, por sua vez, que "Benjamin was interested not in history or tradition as such, but in whatever dynamic possibilities the past might offer the present" (de la Durantaye, *Giorgio Agamben*, 2009, p. 45). O mesmo pode ser dito, pois, a respeito de Agamben, em quem ressoam de modo definitivo as formulações benjaminianas, mas também as de Nietzsche, como preponderante paradigma para sua concepção de contemporaneidade, de história e de genealogia e arqueologia. Além de todas estas questões, pode-se dizer também, ainda, que Nietzsche, Benjamin e Agamben encontram-se unidos, numa espécie de "constelação", por meio da utilização e da preferência que dão à *filologia* - Nietzsche, vale lembrar, ele mesmo professor desta disciplina na Universidade da Basileia - isto é, como diz Nietzsche em *Humano, demasiado humano*, "el arte de leer correctamente" (cf. Nietzsche, *Obras completas*, 2014, vol III, p. 189). Quanto a isto, recorremos novamente a Gagnebin, que no ensaio "Comentário filológico e crítica materialista", sustenta que "Benjamin se detém muito mais na reafirmação da disciplina filológica como pressuposto, imprescindível para uma crítica histórica. Essa estreita relação entre *filologia* e *história crítica* se inscreve na linhagem do jovem Nietzsche, outro filólogo impenitente e polêmico, que Benjamin conhecia muito bem" (Gagnebin, *Limiar, aura e rememoração*, 2014, p. 88, grifos da autora).

[43] Nietzsche, *Segunda consideração extemporânea*, 2017, p. 30.

possíveis saídas para problemas e desafios do *presente*, olhando, contrariamente ao modo do "ocioso mimado no jardim do saber", *combativamente* para nossas necessidades e rudes carências. Trata-se, pois, a propósito deste esforço, "*de intervir extemporaneamente, isto é, contra a época, sobre a época e a favor de uma época futura*".[44] Para agir extemporaneamente, de forma a medir-se com seu próprio tempo, é necessário, no entanto, em alguma medida abandoná-lo, assim como "*O andarilho*" de Nietzsche;[45] mas isto é também, porém, precisamente o que muitos evitam a todo custo fazer, e que, apesar da imensidão, perplexidade e dificuldade da tarefa, tentaremos, na medida de nossa capacidade, de todo modo, cumprir.

---

[44] Nietzsche, *Segunda consideração extemporânea*, 2017, p. 31, grifo nosso.

[45] Como se pode ler no aforismo 380, denominado "*O andarilho" fala*, de *A gaia ciência*, em cujo o qual Nietzsche escreve o seguinte: "Para uma vez olhar de longe a nossa moralidade europeia, para medi-la em relação a outras moralidades, anteriores ou vindouras, para isso deve-se fazer como o andarilho que quer saber quão altas são as torres de uma cidade: ele *abandona* a cidade. 'Reflexões sobre os preconceitos morais', se não quisermos que sejam preconceitos sobre preconceitos, pressupõem uma posição *fora* da moral, algum ponto além do bem e do mal, até o qual temos de subir, escalar, voar – e, no caso presente, de todo modo um além de *nosso* bem e mal, uma liberdade de toda 'Europa', entendida esta como uma soma de imperiosos juízos de valor, que nos foram transmitidos na carne e no sangue. O fato de *querermos* ir lá para fora, para cima, é talvez uma pequena loucura, um insensato e peculiar 'tu deves' – pois também nós, homens do conhecimento, temos nossas idiossincrasias da 'vontade cativa' -: a questão é se realmente *podemos* ir lá para cima. Isso pode estar ligado a múltiplas condições, no principal a questão é quão leves ou pesados somos, o problema de nosso 'peso específico'. É preciso ser *muito leve*, a fim de levar sua vontade de conhecimento a uma tal distância e como que acima do seu tempo, a fim de criar para si olhos que abarquem milênios e, além disso, um céu puro nesses olhos! É preciso haver se livrado de muita coisa que justamente a nós, europeus de hoje, oprime, inibe, detém, torna pesados. O homem de um tal Além, que quer ele próprio avistar as supremas medidas de valor de seu tempo, necessita antes 'superar' em si próprio esse tempo – é a prova de sua força – e, por conseguinte, não apenas o seu tempo, mas também a aversão e contradição que até agora experimentou ante esse tempo, seu sofrimento por esse tempo, sua extemporaneidade, seu *romantismo*..." (Nietzsche, *A gaia ciência*, 2012, p. 256, grifos do autor).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como principal escopo realizar uma investigação sobre as principais contribuições fornecidas por Giorgio Agamben para os temas da ética, da política e do direito, pensando-as, no entanto, a partir da imprescritível e intangível categoria da Justiça. Nesse sentido, o que se tentou realizar nesta Tese foi uma exegese filosófica tão mais completa quanto possível, de olhos na produção passada e presente do autor, mas matendo o foco, no entanto, sobretudo nas obras pertencentes ao conjunto do projeto *Homo sacer*, uma vez que nosso interesse se situou principalmente na esfera do direito. E, inobstante a categoria da justiça não consistir num dos seus principais ou mais desenvolvidos conceitos, chegou-se à conclusão de que ela possui, porém, para o autor, uma decisiva importância, estando sobressalente, às vezes de maneira mais direta, outras mais implícitas, ao longo de toda sua produção.

Desta maneira, o caminho que seguimos para a construção do trabalho se iniciou com uma análise das primeiras obras de Agamben, nas quais o autor desenvolveu uma linguagem filosófica própria, que servirá como um fundamental substrato para a elaboração da sua crítica da ontologia ocidental, em cuja o autor observa a necessidade da proposição de uma nova pesquisa sobre a linguagem e uma nova concepção de tempo e história. O passo seguinte é dado na direção do "Comum". Quanto a isto, investigamos o debate contemporâneo acerca da "comunidade", o que nos levou até a revolucionária proposta comunitária da *singularidade qualquer* de Agamben.

Em seguida, mergulhamos no abismo do vazio do poder do ocidente. Isto foi realizado, por sua vez, tomando partido primeiramente do volume inaugural da série *Homo sacer*, "O poder soberano e a vida nua", obra que consistiu, com efeito, nosso principal ponto de referência ao longo de todo o trabalho. Investigamos, assim, as relações entre biopolítica e soberania, reconhecendo a relação de *bando* como a estrutura originária do direito e, na esteira de uma interpretação eminentemente nietzscheana do pensamento de Agamben, a necessidade de se pôr um fim ao mitologema contratualista, que por tantos anos predomina na tradição política ocidental. Estes problemas nos permitem, contudo, conectar o paradigma biopolítico do campo com as considerações promovidas pelo autor em *O que resta de Auschwitz*, onde propõe uma teoria do sujeito ético enquanto "testemunho".

Já no terceiro e último capítulo, o maior e mais complexo, procuramos investigar alguns problemas mais propriamente ínsitos à Teoria do Direito propriamente dita: partindo dos problemas, história e aporias do estado de exceção, realizamos em seguida, por meio de

uma imersão na teologia, a reconstrução do paradigma gerencial e da máquina governamental, o que significa, em relação aos capítulos prévios, uma mudança de perspectiva, isto é, uma mudança das análises voltadas apenas ao problema da soberania para se questionar também os problemas concernentes ao governo. Aos elementos para uma teoria da justiça em Agamben, que se identifica ao que chamamos aqui de "O direito que vem", foram dedicados, porém, duas partes: na primeira, analisamos como, por meio da ontologia da efetualidade, a ontologia do ocidente veio a sofrer uma substancial mudança conceitual, o que irá implicar em diversas consequências para a ética, a política e o direito. Na segunda parte, então, nos dedicamos a explicitar as principais categorias "positivas", ou "propositivas" de Agamben: como resultado, a conclusão que se chega é que a categoria do direito permanece, para o autor, assim como em Walter Benjamin, eminentemente anárquica: onde o direito estiver, ao menos na forma como o conhecemos, isto é, um direito dominado e consumido pela instrumentalidade, certamente a justiça lá não irá se encontrar.

Para Agamben, somente um direito enquanto "meio puro", um direito que encontrou uma outra maneira de se relacionar com um fim e que renunciou botar a si mesmo em prática, ou seja, um direito desativado e tornado inoperante, pode pretender ter alguma relação com a justiça. Este é o direito que nos interessa, um direito que conserva em si toda a sua "potência-de-não", jamais esgotando-se em ato, conservando sempre, pois, a sua própria potência. Mas a justiça, por sua vez, sempre nos foge: ela não é uma propriedade nem uma substância, mas um "estado do mundo", ou, para ser mais específico, um estado do mundo enquanto *inapropriável*; pode-se dizer, portanto, que *a justiça consiste, sobretudo e primeiramente, num estado no qual o direito renuncia a si mesmo em favor da justiça*. A justiça não se configura, portanto, para Agamben, como uma estrutura monolítica, mas como um campo de forças no qual atuam todos estes vetores, em relação aos quais não pretendemos dar a última palavra, senão colaborar na abertura de novos caminhos, possibilidades e alternativas, cuja meta não pode consistir, pois, noutra coisa que uma maior, mais verdadeira e plena *emancipação*, algo que, como tentamos demonstrar, a filosofia e o pensamento de Giorgio Agamben tem indubitavelmente muito a contribuir.

REFERÊNCIAS

Obras de Giorgio Agamben:

AGAMBEN, Giorgio. *Signatura rerum:* sobre o método. Tradução de Andrea Saturbano e Patrícia Peterle. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

_____. A propósito de Tiqqun. In: TIQQUN. *Contribuição para a guerra em curso*. 1. ed. São Paulo: n-1 edições, 2019.

_____. *Karman*: breve tratado sobre la acción, la culpa y el gesto. 1a ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Adriana Hidalgo editora, 2018.

_____. *Autoritratto nello studio*. Milano: Edizioni Nottetempo, 2017.

_____. *O uso dos corpos*. (Estado de sítio, Homo Sacer, IV, 2). Tradução de Selvino J. Assmann. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

_____. *O aberto. O homem e o animal*. Tradução de Pedro Mendes. 2ª ed. Edição revista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

_____. *Uma biopolítica menor*. Tradução de Vinicius Nicastro Honesko, São Paulo: n-1 edições, 2016.

_____. *O tempo que resta:* um comentário à Carta aos Romanos. Tradução de Davi Pessoa e Cláudio Oliveira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

_____. *O mistério do mal*: Bento XVI e o fim dos tempos. Tradução de Silvana Gaspari e Patrícia Peterle. 1. ed. 1. reimp. São Paulo: Boitempo, 2016.

_____. *Ideia da prosa.* Tradução, prefácio e notas de João Barrento. 1. ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

AGAMBEN, Giorgio. *Stasis*: La guerra civile come paradigma politico. Homo sacer, II, 2. 01 ed. Italia: Bollori Boringhieri Editore, 2015.

_____. *A potência do pensamento:* ensaios e conferências. Tradução de António Guerreiro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

_____. *Meios sem fim:* notas sobre a política. Tradução de Davi Pessoa Carneiro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

_____. *Gusto*. Macerata: Quodlibet, 2015.

_____. Bartleby, ou da contingência. In: AGAMBEN, Giorgio; MELVILLE, Herman. *Bartleby, ou da contingência.* Tradução de Vinicius Honesko. – seguido de Bartleby, o escrevente. Tradução de Tomaz Tadeu. 1. ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

_____. *Altíssima pobreza:* regras monásticas e formas de vida. Tradução de Selvino J. Assmann. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2014.

_____. *Categorias italianas*: estudos de poética e literatura. Tradução de Carlos Eduardo Schmidt Capela, Vinícius Nicastro Honesko. Tradução das passagens e citações em latim por Fernando Coelho. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

_____. O que é um dispositivo?. In: *O amigo & O que é um dispositivo?*. Traduzidos por Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2014.

_____. *Nudez*. Tradução Davi Pessoa Carneiro. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

_____. Como a obsessão por segurança muda a democracia. In: *Le Monde Diplomatique Brasil*, publicado em 01 de janeiro de 2014. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/como-a-obsessao-por-seguranca-muda-a-democracia>. Acesso em: 24 de julho de 2021.

AGAMBEN, Giorgio. *Opus Dei*: arqueologia do ofício: homo sacer, II, 5. Tradução de Daniel Arruda Nascimento. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2013.

_____. *A comunidade que vem*. Tradução e notas de Cláudio Oliveira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

_____. *O homem sem conteúdo*. Tradução, notas e posfácio de Cláudio Oliveira. 2. ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

_____. *Ninfas*. Tradução de Renato Ambrosio. São Paulo: Hedra, 2012.

_____. *O reino e a glória :* uma genealogia teológica da economia e do governo : homo sacer, II, 2. Tradução de Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2011.

_____. *O sacramento da linguagem*: Arqueologia do juramento. (Homo sacer, II, 3). Tradução de Selvino José Assmann. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

_____. *Homo sacer:* o poder soberano e a vida nua I. Tradução de Henrique Burigo. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

_____. Nota preliminar sobre el concepto de la democracia. In: AGAMBEN, Giorgio; BADIOU, Alain; BENSAID, Daniel; et al. *Democracia, ¿ en qué Estado?*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2010.

_____. Lettter from Giorgio Agamben to Hannah Arendt. In: AGAMBEN, GIORGIO, et al. "ON THE LIMITS OF VIOLENCE." *Diacritics*, vol. 39, no. 4, 2009, pp. 103–111. Disponível em: <www.jstor.org/stable/23256452>. Acesso em: 28 set 2019.

_____. *O que resta de Auschwitz:* o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III). Tradução de Selvino. J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.

_____. *Profanações*. Tradução e apresentação de Selvino José Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.

AGAMBEN, Giorgio. Arte, Inoperatividade, Política. In: CARDOSO, Rui Mota (coord.). *Política – Politics*. Crítica do Contemporâneo – conferências internacionais Serralves. Portugal, 2007.

_____. The Work of Man. In: CALARCO, Matthew, DeCaroli, Steve (ed.). *Giorgio Agamben*: Sovereignty and Life. Stanford: Stanford University Press, 2007.

_____. *Estâncias* – a palavra e o fantasma na cultura ocidental. Tradução de Selvino José Assmann. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

_____. *A linguagem e a morte*: um seminário sobre o lugar da negatividade. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

_____. Entrevista com Giorgio Agamben. *Rev. Dep. Psicol.,UFF*, Niterói, v. 18, n. 1, p. 131-136, Junho 2006 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-80232006000100011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 13 de outubro de 2021.

_____. *Entrevista concedida à Folha de São Paulo*. São Paulo, 18 set. 2005. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1809200505.htm>. Acesso em: 13 de outubro de 2021.

_____. *Infância e história:* destruição da experiência e origem da história. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

_____. Bataille e o paradoxo da soberania. *Outra travessia*, Florianópolis, n. 5, p. 91-94, jan. 2005. ISSN 2176-8552. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/12583>. Acesso em: 14 maio 2019.

_____. Archeologia di un'archeologia. In: MELANDRI, Enzo. *Il circolo e la linea*. Macerata: Quodlibet, 2004.

_____. *Estado de exceção*. Tradução Iraci D. Poleti. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2004.

AGAMBEN, Giorgio. Se lo Stato sequestra il tuo corpo. In: *La Repubblica*, 8 gennaio 2004. Disponível em: <https://ricerca.repubblica.it/repubblica/archivio/repubblica/2004/01/08/se-lo-stato-sequestra-il-tuo-corpo.html>. Acesso em: 12 de julho de 21.

_____. Un libro senza patria: Giorgio Agamben intervista di Federico Ferrari. *Eutropia*, n. 1, 2000, nº 1, ps. 44-46.

_____. Agamben, Le chercheur d'homme, entrevista a Jean-Baptiste Marongiu, *Libération*, 1 Abril 1999. Disponível em: <https://next.liberation.fr/livres/1999/04/01/agamben-le-chercheur-d-homme_270036>. Acesso em: 28 set 2019.

_____. *Categorie italiane*: studi di poetica. Venezia: Marsilio Editori, 1996.

_____. *L'uomo senza contenuto*. Macerata: Quodlibet, 1994.

_____. Un'idea di Giorgio Agamben: a cura di Adriano Sofri. *Reporter*, sabato 9/domenica 10/novembre, 1985, pp. 32 – 33. Disponível em: <https://ariemma.wordpress.com/2012/10/14/adriano-sofri-intervista-giorgio-agamben-1985/>. Acesso em: 28 set 2019.

Obras dos demais autores:

ABBOTT, Mathew. *The Figure of This World*: Agamben and the Question of Political Ontology. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

ADORNO, Theodor W. *Educação e emancipação*. 2ª ed. Tradução de Wolfgang Leo Maar. 2ª ed. rev. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

_____. *Minima moralia*. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2017.

_____. *Dialética negativa*. Tradução de Marco Antonio Casanova. Revisão técnica de Eduardo Soares Neves Silva. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

ADORNO, Theodor W. Progresso. *Lua Nova*, São Paulo, n. 27, p. 217-236, Dec. 1992. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451992000300011&lng=en&nrm=iso>. Access on 15 Apr. 2021.

ADORNO, Theodor W; BENJAMIN, Walter. *Correspondência, 1928-1940*. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento:* fragmentos filosóficos. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ANTELO, Raul. La comunità che viene. Ontologia da potência. In: SEDLMAYER, Sabrina; GUIMARÃES, Cesar; OTTE, Georg (orgs.). *O comum e a experiência da linguagem*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Tradução de Roberto Raposo. Revisão técnica e apresentação de Adriano Correia. 13. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.

_____. *Sobre a violência*. Tradução de André de Macedo Duarte. 6ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

_____. *Entre o passado e o futuro*. Tradução de Mauro W. Barbosa. 7. ed. 1. reimp. São Paulo: Perspectiva, 2013.

_____. *Origens do totalitarismo*. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. *Homens em tempos sombrios*. Tradução de Denise Bottman. Posfácio de Celso Lafer. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. *The Jewish Writings*. Edited by Jerome Kohn and Ron H. Feldman. Preface by Jerome Kohn. Introduction by Ron H. Feldman. New York: Shocken Books, 2007.

_____. *Eichmann em Jerusalém*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ARENDT, Hannah. *Essays in understanding*: 1930-1954. Edited by Jerome Kohn. New York: Schocken Books, 1994.

ARISTÓTELES. *De Anima*. Apresentação, tradução e notas de Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Ed. 34, 2006.

_____. *Política*. Tradução de Antonio Campelo Amaral e Carlos de Carvalho Gomes. Lisboa: Editora Vega, 1998.

_____. *Física*. Introducción, traducción y notas de Guillermo R. De Echandía, Madrid: Editorial Gredos, 1995.

_____. *Metafísica*. Introducción, traducción y notas de Tomás Calvo Martínez. Madrid: Editorial Gredos, 1994.

_____. *Ética nicomáquea. Ética eudemia*. Traducción y notas de Julio Palli Bonet. Madrid: Editorial Gredos, 1985.

ASSMANN, Selvino José; BAZZANELLA, Sandro Luiz. A máquina/dispositivo política*:* a biopolítica, o estado de exceção, a vida nua. *In*: LONGHI, Armindo José. *Filosofia, política e transformação*. São Paulo, SP: LiberArs, 2012.

ASSMANN, Selvino José. Apresentação. In: AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. Tradução e apresentação de Selvino José Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.

AUSTIN, John. L. *How to Do Things with Words*: The William James Lectures delivered at Harvard University in 1955. Oxford: Clarendon Press, 1962.

BARBOSA, Jonnefer. *Política e tempo em Giorgio Agamben*. São Paulo: EDUC, 2014.

_____. A crítica da violência de Walter Benjamin: implicações histórico-temporais do conceito de reine Gewalt. Rev. Filos., *Aurora*, Curitiba, v. 25, n. 37, p. 151-169, jul./dez.

2013. <http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/rf?dd1=12322&dd99=view&dd98=pb>. Acesso em: 30 de setembro de 2021.

BATAILLE, Georges. *A parte maldita, precedida de "A noção de dispêndio"*. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. 2. ed. rev. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. *Modernidade e holocausto*. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BAZZICALUPO, Laura. *Biopolítica*: um mapa conceitual. Tradução de Luisa Rabolini. São Leopoldo, RS: Editora UNISINOS, 2017.

BENJAMIN, Walter. *Sobre o programa da filosofia por vir*. Tradução de Heleno Ribeiro. 1. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2019.

_____. *Passagens*. Edição alemã de Rolf Tiedemann. Organização da edição brasileira de Willi Bolle, com a colaboração de Olgária Chain Féres Matos. Tradução do alemão de Irene Aron e, do Francês, por Cleonice Paes Barreto Mourão. Revisão técnica de Patrícia de Freitas Camargo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

_____. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. Apresentação, tradução e notas por Francisco De Ambrosis Pinheiro Machado. 3.reimp. Porto Alegre, RS: Zouk, 2018.

_____. *Escritos reunidos*: escritos sobre Goethe. Tradução de Mônica Krausz Bornebusch, Irene Aron e Sidney Camargo. Supervisão e notas de Marcus Vinicius Mazzari. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 43, 2018.

_____. *Origem do drama trágico alemão*. Edição e tradução de João Barrento. 2. ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

BENJAMIN, Walter. *O anjo da história*. Organização e tradução de João Barrento. 2. ed. 1. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

_____. *Fragmento teológico-político*. In: BENJAMIN, Walter. *O anjo da história*. Organização e tradução de João Barrento. 2. ed. 1. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

_____. Experiência e pobreza. In: BENJAMIN, Walter. *O anjo da história*. Organização e tradução de João Barrento. 2. ed. 1. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

_____. Eduard Fuchs, colecionador e historiador. In: BENJAMIN, Walter. *O anjo da história*. Organização e tradução de João Barrento. 2. ed. 1. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

_____. Alarme contra incêndio. In: BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única : Infância berlinense : 1900*. Edição e tradução João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

_____. Para a crítica da violência. In: BENJAMIN, Walter. *Escritos sobre mito e linguagem* (1915-1921). Organização, apresentação e notas de Jeanne Marie Gagnebin. Tradução de Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2013.

_____. Destino e caráter. In: BENJAMIN, Walter. *Escritos sobre mito e linguagem* (1915-1921). Organização, apresentação e notas de Jeanne Marie Gagnebin. Tradução de Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2013.

_____. Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem. In: BENJAMIN, Walter. *Escritos sobre mito e linguagem* (1915-1921). Organização, apresentação e notas de Jeanne Marie Gagnebin. Tradução de Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2013.

_____. A tarefa do tradutor. In: BENJAMIN, Walter. *Escritos sobre mito e linguagem* (1915-1921). Organização, apresentação e notas de Jeanne Marie Gagnebin. Tradução de Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2013.

_____. O significado da linguagem no drama barroco e na tragédia. In: BENJAMIN, Walter. *O capitalismo como religião*. Organização de Michael Löwy. Tradução de Nélio Schneider e Renato Ribeiro Pompeu. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2013.

_____. O surrealismo. O último instantâneo da itenligência europeia. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Paulo Sérgio Rouanet. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. 8. ed. revista. São Paulo: Brasiliense, 2012.

_____. Franz Kafka. A propósito do décimo aniversário de sua morte. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Paulo Sérgio Rouanet. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. 8. ed. revista. São Paulo: Brasiliense, 2012.

_____. O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Paulo Sérgio Rouanet. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. 8. ed. revista. São Paulo: Brasiliense, 2012.

_____. A doutrina das semelhanças. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Paulo Sérgio Rouanet. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. 8. ed. revista. São Paulo: Brasiliense, 2012.

_____. O autor como produtor. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Paulo Sérgio Rouanet. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. 8. ed. revista. São Paulo: Brasiliense, 2012.

_____. “Notes Toward a Work on the Category of Justice”. In: FENVES, Peter. *The Messianic Reduction*: Walter Benjamin and the Shape of Time. Stanford: Stanford University Press, 2010.

BENJAMIN, Walter. A vida dos estudantes. In: BENJAMIN, Walter. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. Tradução, apresentação e notas de Marcus Vinicius Mazzari. Posfácio de Flavio Di Giorgi. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2009.

_____. Sobre o conceito de história. In: LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio : uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"*. Tradução de Wanda Nogueira Caldeira Brant. Tradução das Teses por Jeanne Marie Gagnebin e Marcos Lutz Müller. São Paulo: Boitempo, 2005.

_____. *I passage di Parigi*. A cura di Rolf Tiedemann. Edizione italiana a cura di Enrico Ganni. Torino: Giulio Einaudi editore, 2000.

_____. O caráter destrutivo. In: BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única. Obras escolhidas, vol. 2.* 1. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

_____. Desempacotando minha biblioteca. In: BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única. Obras escolhidas, vol. 2.* 1. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

_____. *Gesammelte Schriften*. Unter Mitw. von Theodor W. Adorno und Gershom Scholem. Herausgegeben von Rolf Tiedemann und Hermann Schweppenhäuser. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1977, vol. II, 1.

_____. A capacidade mimética. In: BENJAMIN, Walter. *Comunicação – 2*: humanismo e comunicação de massa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.

BENJAMIN, Walter; SCHOLEM, Gershom. *The Correspondence of Walter Benjamin and Gershom Scholem:* 1932-1940. Translated by Gary Smith and Andre Lefevre. New York: Shocken Books, 1989.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. Tradução de Maria da Gloria Novak e Maria Luiza Neri. Revisão por Isaac Nicolau Salum. 3. ed. Campinas, SP : Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1991.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Tradução de Eduardo Guimarães et al. Campinas, SP : Pontes, 1989.

_____. *Vocabulario de las instituciones indoeuropeas*. Madrid: Taurus, 1983.

BERCOVICI, Gilberto. *Soberania e Constituição*: Para Uma Crítica do Constitucionalismo. 2ª edição. São Paulo: Quartier Latin, 2013.

_____. *Constituição e estado de exceção permanente*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2004.

BITTAR, Eduardo C. B. *Introdução ao estudo do direito*: humanismo, democracia e justiça. São Paulo: Saraiva Educação, 2018.

_____. *O Direito na Pós-Modernidade*. 3. ed. modificada e atualizada. São Paulo: Atlas, 2014.

_____. Ética, técnica e direitos humanos. *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, Revista de Pós-Graduação da Faculdade de Direito da UFMG, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, n. 103, p. 139-182, jul. dez. 2011.

BLANCHOT, Maurice. *A comunidade inconfessável*. Tradução de Eclair Antônio Almeida Filho. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Lumme Editor, 2013.

_____. *La conversación infinita.* Traducción de Isidro Herrera. Madrid: Arena Libros, 2008.

BOBBIO, Norberto. *Estado, governo, sociedade*: Fragmentos de um dicionário político. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. Posfácio de Celso Lafer. 24ª. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

_____. *O futuro da democracia*. Uma defesa das regras do jogo. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. 17ª. ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2020.

BOBBIO, Norberto. *Direito e poder*. Tradução Nilson Moulin. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

BODIN, Jean. *Los seis libros de la republica*. Traducción, presentación y notas de Pedro Bravo Gala. Madrid: Editorial Tecnos, 1985.

BRECHT, Bertolt. *Poemas 1913-1956*. Seleção e tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Editora 34, 2012.

BUCI-GLUCKMANN, Christine. *La ragione barocca*. Da Baudelaire a Benjamin. Traduzione di Carlo Gazzelli. Genova: Costa & Nolan, 1992.

BUSSOLINI, Jeffrey. Critical Encounter Between Giorgio Agamben and Michel Foucault: Review of Recent Works of Agamben. *Foucault Studies*, [S.l.], p. 108-143, nov. 2010. Available at: <https://rauli.cbs.dk/index.php/foucault-studies/article/view/3121/3296>. Date accessed: 21 sep. 2019.

BUTLER, Judith. *Vida precária*: os poderes do luto e da violência. Tradução de Andreas Lieber. Revisão técnica de Carla Rodrigues. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

_____. *Quadros de guerra:* Quando a vida é passível de luto?. Tradução de Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. Revisão de tradução de Marina Vargas. Revisão técnica de Carla Rodrigues. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

_____. Guantanamo Limbo. In: *The Nation*, publicado em 14 de março de 2002. Disponível em: <https://www.thenation.com/article/guantanamo-limbo>. Acesso em: 28 de julho de 2021.

CARONE, Modesto. In: *Essencial Franz Kafka*. Seleção, introdução e tradução de Modesto Carone. São Paulo: Penguim Classics Companhia das Letras, 2011.

CASTRO, Edgardo. *Introdução a Foucault.* Tradução de Beatriz de Almeida Magalhães. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

CASTRO, Edgardo. *Introdução a Giorgio Agamben:* uma arqueologia da potência. Tradução de Beatriz de Almeida Magalhães. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

CAVE, Nick. *The Mercy Seat*. Disponível em: < https://genius.com/Nick-cave-and-the-bad-seeds-the-mercy-seat-lyrics/>. Acesso em: 28 de agosto de 2021.

CHAVES, Ernani. "É possível uma história materialista da cultura?" Walter Benjamin (re)lê Friedrich Engels. In: *Capítulos do marxismo ocidental*. Isabel Maria Loureiro, Ricardo Musse (orgs.). São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

CHUEIRI, Vera Karam de. Agamben e o estado de exceção como zona de indeterminação entre o político e o jurídico. In: *Crítica da modernidade:* diálogos com o direito. FONSECA, Ricardo Marcelo (org.). Florianópolis: Fundação Boiteux, 2005.

DEAN, Mitchell. "What Is Economic Theology? A New Governmental-Political Paradigm?" *Theory, Culture & Society*, vol. 36, no. 3, May, pp. 3–26, 2019. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0263276418787622>. Acesso em: 06 de agosto de 2021.

DE BOEVER, Arne. *Plastic Sovereignties*: Agamben and the Politics of Aesthetics. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2016.

DE LA DURANTAYE, Leland. *Giorgio Agamben*: a critical introduction. Stanford: Stanford University Press, 2009.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. Tradução de Claudia Sant'Anna Martins. Revisão da tradução de Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2019.

_____. *Nietzsche a e filosofia*. Traduzido por Mariana de Toledo Barbosa e Ovídio de Abreu Filho. São Paulo: n-1 edições, 2018.

_____. *Conversações*, 1925-1995. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DERRIDA, Jacques. *Força de lei*: o fundamento místico da autoridade. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.

DOR'S, Alvaro. *Escritos varios sobre el derecho en crisis*. Roma; Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Cientificas, 1973.

DOUZINAS, Costas. *O fim dos direitos humanos*. Traduzido por Luzia Araújo. São Leopoldo: Unisinos, 2009.

DUARTE, André de Macedo. Hannah Arendt e o pensamento 'da' comunidade: notas para o conceito de comunidades plurais. *O que nos faz pensar*, [S.l.], v. 20, n. 29, p. 21-40, may 2011. Disponível em: <http://www.oquenosfazpensar.fil.puc-rio.br/index.php/oqnfp/article/view/326>. Acesso em: 19 maio 2019.

DUARTE, André de Macedo. Hannah Arendt e a exemplaridade subversiva: por uma ética pós-metafísica. *Cadernos de Filosofia Alemã: Crítica e Modernidade,* São Paulo, n. 9, p. 27-48, june 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/filosofiaalema/article/view/64768/67385>. Acesso em: 07 de setembro de 21.

_____. De Michel Foucault a Giorgio Agamben: a trajetória do conceito de biopolítica. In: SOUZA, Ricardo Timm de; OLIVEIRA, Nythamar Fernandes. *Fenomenologia hoje III*: bioética, biotecnologia, biopolítica. Porto Alegre: Editora da PUCRS, v. 3, p. 63-87, 2008. Disponível em: <http://works.bepress.com/andre_duarte/17>. Acesso: 28 jan. 2019.

_____. *O pensamento à sombra da ruptura*: política e filosofia em Hannah Arendt. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

EILENBERGER, Wolfram. *Tempo de mágicos*: A grande década da filosofia: 1919-1929. Tradução de Claudia Abeling. São Paulo: Todavia, 2019.

ESPOSITO, Roberto. *Bios*: biopolítica e filosofia. Tradução de Wander Melo Miranda. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.

FABBRINI, Ricardo. Arte pós-utópica: heterotopia e comunidade. In: *Arte e estética*. VACARI, Ulisses Razzante (org.). Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2018.

FERRAZ JUNIOR, Tercio Sampaio. *Introdução ao estudo do direito:* técnica, decisão, dominação. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2015.

_____. *Função social da dogmática jurídica*. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2015.

FONSECA, Ricardo Marcelo. Para uma possível teoria da história dos direitos humanos. *Revista Pensar*. Fortaleza: v. 16, n. 1, p. 273-291, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://periodicos.unifor.br/rpen/article/view/2154>. Acesso em 28 de agosto de 2021.

FRANÇA. Constituição de 1791. Disponível em: < http://www.conseil-constitutionnel.fr/conseil-constitutionnel/francais/la-constitution/les-constitutions-de-la-france/constitution-de-1791.5082.html>. Acesso em: 09 de julho de 2021.

FRANKENBERG, Günter. *Técnicas de Estado*: perspectivas sobre o Estado de direito e o estado de exceção. Tradução de Gercelia Mendes. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

FREUD, Sigmund. *Totem e tabu*: algumas concordâncias entre a vida psíquica dos homens primitivos e a dos neuróticos. Tradução de Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

_____. *O mal-estar na civilização*. Tradução de Paulo César de Souza. 1. ed. São Paulo: Penguim Classics Companhia das Letras, 2011.

FONSECA, Márcio Alves da. *Michel Foucault e o direito*. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2012.

FOUCAULT, Michel. *Nascimento da Biopolítica*. Tradução de Pedro Elói duarte. Com Introdução de Bruno Mações. Lisboa: Edições 70, 2018.

_____. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1*: A vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 4. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

_____. *As palavras e as coisas:* uma arqueologia das ciências humanas. Tradução de Salma Tannus Muchail. 10. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

_____. Verdade e poder. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

_____. *Microfísica do poder*. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

_____. Nietzsche, a genealogia e a história. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

_____. *Vigiar e punir:* nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. 42. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

_____. *Em defesa da sociedade:* curso no Collège de France (1975-1976). Tradução de Maria Ermantina Galvão. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

_____. *Segurança, território, população*: curso dado no Collège de France (1977-1978). Edição estabelecida por Michel Senellart sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana. Tradução de Eduardo Brandão; revisão da tradução de Claudia Berliner, São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Mito, Direito e Justiça em Walter Benjamin / Myth, Law and Justice in Walter Benjamin. *Revista Direito e Práxis*, [S.l.], v. 11, n. 3, p. 1934-1945, set. 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/52669>. Acesso em: 04 out. 2021.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Walter Benjamin*: os cacos da história. Traduzido por Sônia Salzstein. São Paulo: n-1 edições, 2018.

_____. *Limiar, aura e rememoração*: ensaios sobre Walter Benjamin. São Paulo: Editora 34, 2014.

_____. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

_____. Notas da Editora. In: BENJAMIN, Walter. *Escritos sobre mito e linguagem* (1915-1921). Organização, apresentação e notas de Jeanne Marie Gagnebin. Tradução de Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2013.

_____. Apresentação. In: AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo sacer III*). Tradução de Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.

_____. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

GALLI, Carlo. *Genealogia della politica*: Carl Schmitt e la crisi del pensiero politico moderno. Bologna: Il Mulino, 1996.

GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. *AGAMBEN, Por uma ética da vergonha e do resto*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

_____. *Nietzsche*: o humano como memória e como promessa. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

_____. *Heidegger urgente*: introdução a um novo pensar. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

_____. Apresentação. In: NASCIMENTO, Daniel Arruda. *Do fim da experiência ao fim do jurídico*: percurso de Giorgio Agamben. São Paulo, SP: LiberArs, 2012.

GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. Notas sobre direito, violência e sacrifício. *DoisPontos*, Curitiba, São Carlos, vol. 5, n.2, ps. 33-47, out., 2008. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/doispontos/article/view/14659/9838>. Acesso em: 27 fev. 2021.

_____. Sobre direitos humanos na era da bio-política. *Kriterion*, Belo Horizonte , v. 49, n. 118, p. 267-308, dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2008000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 fev. 2021.

GUERRA, Elizabete Olinda. *Carl Schmitt e Hannah Arendt*: olhares críticos sobre a política na modernidade. 2. ed. São Paulo, SP: LiberArs, 2019.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Fenomenologia do espírito*. Tradução de Paulo Meneses, com a colaboração de Karl-Heinz Efken e José Nogueira Machado. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2014.

_____. *Cursos de Estética*. Tradução de Marco Aurélio Werle. Revisão técnica de Márcio Seligmann-Silva. Consultoria de Victor Knoll e Oliver Tolle. 2. ed. rev. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Tradução revisada e apresentação de Marcia Sá Cavalcante. Posfácio de Emmanuel Carneiro Leão. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2015.

_____. A questão da técnica. In: *Ensaios e conferências*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Franciso, 2012.

_____. *Caminos de bosque*. Traducción de Helena Cortés y Arturo Leyte. Madrid: Alianza Editorial, 2010.

_____. A essência da linguagem. In: *A caminho da linguagem*. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003.

HEIDEGGER, Martin. *Introdução à metafísica*. Apresentação e tradução de Emmanuel Carneiro Leão. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.

_____. Carta sobre o humanismo. Introdução, tradução e notas de Emmanuel Carneiro Leão. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1995.

HOBBES, Thomas. *Leviatã*. Organizado por Richard Tuck. Tradução por João Monteiro, Maria Beatriz Nizza da Silva e Claudia Berliner. Revisão da tradução por Eunice Ostrensky. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *Do cidadão*. Tradução, apresentação e notas de Renato Janine Ribeiro. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

HUBERT, Henri; MAUSS, Marcel. *Sobre o sacrifício*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

ITAPARICA, André. Introdução. In: NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida. Segunda consideração extemporânea*. Organização e tradução de André Itaparica. São Paulo: Hedra, 2017.

JAEGER, Werner. *Paideia*: a formação do homem grego. Tradução de Arthur M. Pereira. Adaptação do texto para a edição brasileira Monica Stahel. Revisão do texto grego por Gilson César Cardoso de Souza. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

JHERING, Rudolf Von. *O espírito do direito romano:* nas diversas fases do seu desenvolvimento. Tradução de Rafael Benaion. Prefácio de Clóvis Beviláqua. Primeiro volume. Rio de Janeiro: Alba, 1943.

JESI, Furio. A festa e a máquina mitológica. In: *Boletim de pesquisa NELIC*, Florianópolis, v. 14, n. 22, p. 26-58, 2014|.

KAFKA, Franz. Gli otto quaderni in ottavo. In: KAFKA, Franz. *Lettera al padre – Gli otto quaderni in ottavo – Considerazioni sul peccato, il dolore, la speranza e la vera via*.

Introduzione di Roberto Fertonani. Traduzione di Anita Rho e Italo Alighiero Chiusano. Milano: Mondadori Libri, 2019. Ebook. ISBN n. 9788852099618.

KAFKA, Franz. Diante da lei. In: *Essencial Franz Kafka*. Seleção, introdução e tradução de Modesto Carone. São Paulo: Penguim Classics Companhia das Letras, 2011.

_____. Aforismos. In: *Essencial Franz Kafka*. Seleção, introdução e tradução de Modesto Carone. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

_____. *O castelo*. Tadução e posfácio de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. *O processo*. Tradução e posfácio de Modesto Carone. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. *Narrativas do espólio*. Tradução e posfácio de Modesto Carone. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. A preocupação do pai de família. In: KAFKA, Franz. *Um médico rural*: pequenas narrativas. Tradução e posfácio de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. *Considerações sobre o pecado, o sofrimento, a esperança e o verdadeiro caminho*. Tradução e nota introdutória de Cristina Terra da Mota. Lisboa: Hiena Editora, 1992.

KANT, Immanuel. *Crítica da razão prática*. Tradução de Monique Hulshof. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2016.

_____. *Metafísica dos Costumes*. Tradução da primeira parte por Célia Aparecida Martins, e, da segunda parte, por Bruno Nadai, Diego Kosbiau e Monique Hulshof. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013.

KANT, Immanuel. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Tradução de Paulo Quintela. Com Introdução de Pedro Galvão. Lisboa: Edições 70, 2009.

KELSEN, Hans. *Teoria geral do direito e do Estado*. Tradução Luís Carlos Borges. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

_____. *Teoria pura do direito*. Tradução João Baptista Machado. 8ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

KISHIK, David. *The Power of Life*: Agamben and the coming politics (To imagine a form of life, II). Stanford: Stanford University Press, 2012.

KONDER, Leandro. *Walter Benjamin*: o marxismo da melancolia. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

KOTSKO, Adam. *Agamben's Philosophical Trajectory*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2020.

LAFER, Celso. Prefácio. In: ARENDT, Hannah. *Sobre a violência*. Tradução de André de Macedo Duarte. 6ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

_____. *A reconstrução dos direitos humanos*: um diálogo com o pensamento de Hannah Arendt. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

LEVI, Primo. *Mil sóis*: Poemas escolhidos. Seleção, tradução e apresentação de Maurício Santana Dias. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2019.

_____. *Os afogados e os sobreviventes*. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. 3ª ed. São Paulo/ Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

_____. *Assim foi Auschwitz*: testemunhos 1945-1986. Com Leonardo De Benedetti. Organização de Fabio Levi e Domenico Scarpa. Tradução de Federico Carotti. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LEVI, Primo. *A trégua*. Tradução de Marco Luchesi. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. *É isto um homem?*. Tradução de Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Tradução de José Pinto Ribeiro. Revisão de Artur Morão. 3ª ed. Lisboa: Edições 70, 2011.

LÖWITH, Karl. Il decisionismo occasionale di Carl Schmitt. In: LÖWITH, Karl. Marx, Weber, Schmitt. Prefazione di Ernst Nolte. Roma-Bari: Editori Laterza, 1994.

LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. *Revolta e melancolia:* o romantismo na contracorrente da modernidade. Tradução de Nair Fonseca. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2015.

LÖWY, Michael. *Redenção e utopia*: o judaísmo libertário na Europa Central (um estudo de afinidade eletiva). Tradução de Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2020.

_____. *Walter Benjamin: aviso de incêndio :* uma leitura das teses "Sobre o conceito de história". Tradução de Wanda Nogueira Caldeira Brant. Tradução das Teses por Jeanne Marie Gagnebin e Marcos Lutz Müller. São Paulo: Boitempo, 2005.

_____. A filosofia da história de Walter Benjamin. *Estud. av.*, São Paulo , v. 16, n. 45, p. 199-206, Aug. 2002. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142002000200013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 de out. 2021.

MACEDO JUNIOR, Ronaldo Porto. *Ensaios de teoria do direito*. São Paulo: Saraiva, 2013.

MACHADO, Roberto *Nietzsche e a verdade*. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: São Paulo: Paz e Terra, 2017.

MARX, Karl. *O capital*: crítica da economia política : livro I : o processo de produção do capital. Tradução de Rubens Enderle. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Tradução, apresentação e notas de Jesus Ranieri. 4. reimp. São Paulo: Boitempo, 2010.

_____. *Sobre a questão judaica*. Apresentação e posfácio de Daniel Bensaïd. Tradução Nélio Schneider, [tradução de Daniel Bensaïd, Wanda Caldeira Brant]. São Paulo: Boitempo, 2010.

MATOS, Olgária. *A Escola de Frankfurt*: luzes e sombras do Iluminismo. São Paulo: Moderna, 1993.

MCLOUGHLIN, Daniel. Schmitt, Carl. In: *The Agamben Dictionary*. Murray Alex and Whyte Jessica (ed). Edinburgh: Edinburgh University Press, 2011.

MELANDRI, Enzo. *Il circolo e la linea*. Macerata: Quodlibet, 2004.

MELVILLE, Herman. *Bartleby, o escrevente*. In: AGAMBEN, Giorgio; MELVILLE, Herman. *Bartleby, ou da contingência*. Tradução de Vinicius Honesko. – seguido de Bartleby, o escrevente. Tradução de Tomaz Tadeu. 1. ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

MILLS, Catherine. *The Philosophy of Agamben*. McGill-Queen's University Press, 2008.

MOLAD, Yoni. Debord, Guy. In: *The Agamben Dictionary*. Murray Alex and Whyte Jessica (ed). Edinburgh: Edinburgh University Press, 2011.

NANCY, Jean-Luc. *A comunidade inoperada*. Tradução de Soraya Guimarães Hoepfner. 1 ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016.

_____. *L'essere abbandonato*. Macerata: Quodlibet, 1995.

NASCIMENTO, Daniel Arruda. *Umbrais de Giorgio Agamben*: para onde nos conduz o homo sacer?. São Paulo: LiberArs, 2014.

NASCIMENTO, Daniel Arruda. *Do fim da experiência ao fim do jurídico*: percurso de Giorgio Agamben. São Paulo, SP: LiberArs, 2012.

NEGRI, Antonio. *O poder constituinte:* ensaio sobre as alternativas da modernidade. Tradução de Antonio Pilatti. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Schopenhauer como educador*: considerações extemporâneas, 3ª parte. Tradução de Giovane Rodrigues e Tiago Tranjam. Prefácio de Giorgio Colli. São Paulo: Mundaréu, 2018.

_____. *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida. Segunda consideração extemporânea*. Organização e tradução de André Itaparica. São Paulo: Hedra, 2017.

_____. *Aurora*: reflexões sobre os preconceitos morais. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.

_____. *O anticristo*: maldição ao cristianismo : *Ditirambos de Dionísio*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.

_____. *Obras completas*. Volumen III. Obras de Madurez I. Edición diriga por Diego Sánchez Meca. Traducción, introducciones y notas de Jaime Aspiunza, Marco Parmeggiani, Diego Sánchez Meca y Juan Luis Vermal. Madrid: Editorial Tecnos, 2014.

_____. *A gaia ciência*. Tradução de Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. *Genealogia da moral*: uma polêmica. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. The Greek State. In: NIETZSCHE, Friedrich. *On the Genealogy of Morality and Other Writings*. 2nd ed. Cambridge Texts in the History of Political Thought. Ed. by K. Ansell-Pearson. Trans. by C. Diethe, Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Além do bem e do mal*: prelúdio para uma filosofia do futuro. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. *O nascimento da tragédia, ou o Helenismo e pessimismo*. Tradução, notas e posfácio de J. Ginsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. *Opere*: Frammenti postumi, 1885-1887. Orgs. Giorgio Colli e Mazzimo Montinari. Milão: Adelphi, 1975, v. 8, t. 1.

NOBRE, Marcos. Objeções marxistas? Adorno e Benjamin na "encruzilhada de magia e positivismo" dos anos 30. *Cadernos de Filosofia Alemã*: Crítica e Modernidade, [S. l.], n. 3, p. 45-59, 1997. DOI: 10.11606/issn.2318-9800.v0i3p45-59. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/filosofiaalema/article/view/64747>. Acesso em: 13 out. 2021.

NORRIS, Andrew. The Exemplary Exception: Philosophical and Political Decisions in Giorgio Agamben's Homo Sacer. In: NORRIS, Andrew (ed.). *Politics, Metaphysics, and Death*: Essays on Giorgio Agamben's Homo Sacer. Durham and London: Duke University Press, 2005.

OLIVEIRA, Cláudio. A linguagem e a morte. In: PUCHEU, Alberto (org.). *Nove abraços no inapreensível:* filosofia e arte em Giorgio Agamben. Rio de Janeiro: Beco do Azougue: FAPERJ, 2008.

PALHARES, Taísa. *Bild* e *Abbild*: Algumas considerações sobre técnica e imagem em Walter Benjamin, *ARTEFILOSOFIA*, nº26, julho de 2019, p. 256-267. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br:8082/pp/index.php/raf/article/view/1952>. Acesso em: 09 nov. 2020.

_____. Walter Benjamin. Teoria da arte da reprodutibilidade técnica. In: NOBRE, Marcos (org.). *Curso livre de Teoria Crítica*. Campinas, SP: Papirus, 2008.

PELBART, Peter Pál. *Vida capital:* Ensaios de biopolítica. São Paulo: Editora Iluminuras, 2003.

PLATÃO. *A república*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 3. ed. Belém: EDUFPA, 2000.

_____. Fedro. In: *Diálogos,* vol. V. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: Universidade Federal do Pará, 1975.

RASCH, William. From Sovereign Ban to Banning Sovereignty. In: *Giorgio Agamben*: sovereignty and life. Edited by Matthew Calarco and Steven DeCaroli. Stanford, CA: Stanford University Press, 2007.

RICOEUR, Paul. *Freud*: una interpretación de la cultura. Trad. Armando Suárez. México: Siglo Veintiuno Editores, 1990.

ROSÁRIO, Heloísa Monteiro. Émile Benveniste e a dupla significância da língua: a distinção semiótico/semântico. *Revista Desenredo*, v. 14, n. 3, p. 444-456, 7 dez. 2018.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *O contrato social*. Apresentação de João Carlos Brum Torres. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.

RUIZ, Castor M. M. Bartolomé. Giorgio Agamben, liturgia (e) política: por que o poder necessita da Glória?, *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, Belo Horizonte, n. 108, pp. 185-213, jan./jun., 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbep/article/view/P.0034-7191.2014v108p185>. Acesso em: 31 de agosto de 2021.

SÁ, Alexandre Franco de. *Poder, Direito e Ordem*: Ensaios sobre Carl Schmitt. Rio de Janeiro: Via Verita, 2012.

SAFATLE, Vladimir. *Grande Hotel Abismo*: por uma reconstrução da teoria do reconhecimento. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

_____. Materialismo, imanência e política: sobre a teoria da ação de Giorgio Agamben. In: SEDLMAYER, Sabrina; GUIMARÃES, Cesar; OTTE, Georg (orgs.). *O comum e a experiência da linguagem*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

SALZANI, Carlo. Walter Benjamin. In: KOTSKO, Adam; SALZANI, Carlo (ed.). *Agamben's Philosophical Lineage*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2017.

_____. *Introduzione a Giorgio Agamben*. Genova: Il nuovo melangolo, 2013.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye, com a colaboração de Albert Riedlinger. Prefácio da edição brasileira por Isaac Nicolau Salum. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHELLING, F. W. J. *Investigações filosóficas sobre a essência da liberdade humana*. Tradução e Prefácio de Carlos Morujão. Lisboa: Edições 70, 1993.

SCHEUERMAN, Wiliiam, E. Emergency Powers and the Rule of Law After 9/11, *Journal of Political Philosophy*, Vol. 14, n. 1, pp. 61-84, 2006. Disponível em: < https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/j.1467-9760.2006.00256.x>. Acesso em: 30 de junho de 21.

SCHMITT, Carl. *O conceito do político*. Tradução, introdução e notas de Alexandre Franco de Sá. Lisboa: Edições 70, 2018.

_____. *O nomos da Terra no direito das gentes do jus publicum europaeum*. Tradução de Alexandre Guilherme Barroso de Matos Franco de Sá [et al.]. 1. ed. Rio de Janeiro: Contraponto : Ed. PUC – Rio, 2014.

_____. *Teologia política*. Tradução de Elisete Antoniuk. Coordenação e supervisão Luiz Moreira. Belo Horizonte: Del Rey, 2006.

_____. *Teoría de la Constitución*. Versión española de Francisco Ayala. Madrid: Alianza, 1996.

SCHMITT, Carl. *La dictadura*. Desde los comienzos del pensamiento moderno de la soberanía hasta la lucha de classes proletaria. Traducción del alemán por José Díaz García. Madrid: Revista de Occidente, 1968.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre o fundamento da moral*. Tradução de Maria Lúcia Mello Oliveira Cacciola. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SCHUBACK, Márcia Sá Cavalcante. Prefácio. In: NANCY, Jean-Luc. *A comunidade inoperada*. Tradução de Soraya Guimarães Hoepfner. 1 ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016.

SCHWARZ, Roberto. *O pai de família e outros estudos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SEDLMAYER, Sabrina. Recados de vida, cartas sem destinatário: Bartleby e companhia. In: SEDLMAYER, Sabrina; GUIMARÃES, Cesar; OTTE, Georg (orgs.). *O comum e a experiência da linguagem*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. A "Segunda Técnica" em Walter Benjamin: O cinema e o novo mito da caverna. In: BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. Organização e prefácio de Márcio Seligmann-Silva. Tradução de Gabriel Valladão Silva. Porto Alegre, RS: L&PM, 2019.

_____. *A atualidade de Walter Benjamin e Theodor Adorno.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

_____. Walter Benjamin: o Estado de Exceção entre o político e o estético. O*utra travessia*, Florianópolis, n. 5, p. 25-38, jan. 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/12579>. Acesso em: 13 julho 2021.

SMITH, Jason. "I am sure that you are more pessimistic than I am...": An interview with Giorgio Agamben, *Rethinking Marxism*, Vol. 16, 2, pp. 115-124, 2004. Disponível em: < https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/08935690410001676186>. Acesso em: 01 de setembro de 21.

SNOEK, Anke. Agamben's Foucault: An overview. *Foucault Studies*, [S.l.], p. 44-67, nov. 2010. Available at: <https://rauli.cbs.dk/index.php/foucault-studies/article/view/3123/3291>. Date accessed: 21 sep. 2019.

SOLON, Ari Marcelo. *Teoria da soberania como problema da norma jurídica e da decisão*. Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris Editor, 1997.

STRAUSS, Leo. *The Political Philosophy of Hobbes*: ts Basis and Its Genesis. Translated from the German Manuscript by Elsa M. Sinclair. Chicago & London: The University of Chicago Press, Phoenix Books, 1996.

TACCETA, Natalia. *Agamben y lo político*. 1ª ed. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2011.

THOMAS, Yan. Vitae necisque potestas. Le père, la cité, la mort. In: Du châtiment dans la cité. Supplices corporels et peine de mort dans le monde antique. Table ronde de Rome (9-11 novembre 1982), *Publications de l'École française de Rome*, 79, Rome: École Française de Rome, pp. 499-548, 1984. Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/efr_0000-0000_1984_act_79_1_2546>. Acesso em: 25 fev. 2021.

TIQQUN. *Contribuição para a guerra em curso*. 1. ed. São Paulo: n-1 edições, 2019.

TOMÁS DE AQUINO. *Suma teológica*. São Paulo: Loyola, 2009, Vol II, Parte I.

_____. *Suma teológica* : os sacramentos : III parte - questões 60-90. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013, Vol. IX, Parte III.

TRAVERSO, Enzo. "Relações Perigosas": Walter Benjamin e Carl Schmitt no crepúsculo de Weimar / "Dangerous Connections": Walter Benjamin and Carl Schmitt at the Weimar twilight. *Revista Direito e Práxis*, [S.l.], v. 11, n. 3, p. 1973-1985, set. 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/52675>. Acesso em: 03 out. 2021.

VILLEY, Michel. *A formação do pensamento jurídico moderno*. Tradução de Claudia Berliner. Notas revistas por Eric Desmons. Revisão técnica de Gildo Sá Leitão Rios. Texto

estabelecido, revisto e apresentado por Stéphane Rials. 2ª. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

WEBER, Max. *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo*. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. Revisão técnica, edição de texto, apresentação, glossário, correspondência vocabular e índice remissivo de Antônio Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEBER, Samuel. Taking Exception to Decision: Walter Benjamin and Carl Schmitt. In: *Diacritics*, vol. 22, n. 3/4, Commemorating Walter Benjamin, ps. 5-18, Autumn – Winter, 1992.

WHYTE, Jessica. Karl Marx. Walter Benjamin. In: KOTSKO, Adam; SALZANI, Carlo (ed.). *Agamben's Philosophical Lineage*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2017.

_____. Marx, Karl. In: *The Agamben Dictionary*. Murray Alex and Whyte Jessica (ed). Edinburgh: Edinburgh University Press, 2011.

WIGGERSHAUS, Rolf. *A Escola de Frankfurt*: história, desenvolvimento teórico, significação política. Tradução do alemão por Lilyane Deroche-Gurgel. Tradução do francês por Vera de Azambuja Harvey. Revisão técnica por Jorge Coelho Soares. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

WITTE, Bernd. *Walter Benjamin*: uma biografia. Tradução de Romero Freitas. 1. ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

ZIZEK, Slavoj. *Violência*: seis reflexões laterais. Tradução de Miguel Serras Pereira. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2014.

_____. *Bem vindo ao deserto do Real!* : cinco ensaios sobre o 11 de Setembro e datas relacionadas. Tradução de Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.